

**FACULDADE VALE DO CRICARÉ
MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO SOCIAL,
EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL**

Emanuel Vieira Pinto

A biblioteca escolar na formação do hábito de leitura: uma realidade de dois colégios públicos estaduais de Itamaraju/Bahia

São Mateus
2015

Emanuel Vieira Pinto

A biblioteca escolar na formação do hábito de leitura: uma realidade de dois colégios públicos estaduais de Itamaraju/Bahia

Dissertação apresentada à Faculdade Vale do Cricaré, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre Profissional em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª Luciana Teles Moura

São Mateus
2015

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo da Publicação

P659a Pinto, Emanuel Vieira.

A biblioteca escolar na formação do hábito de leitura: uma realidade de dois colégios públicos estaduais de Itamaraju/Bahia. / Emanuel Vieira Pinto: São Mateus/Espírito Santo, 2015.

101 f.

Dissertação (Mestrado Profissional) -- Faculdade Vale do Cricaré, Espírito Santo, 2014

1. Biblioteca Escolar. 2. Formação Leitor. 3. Educação.

I. Título.

CDD:027.8
CDU:027.1.8

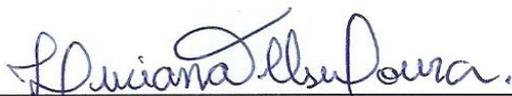
Emanuel Vieira Pinto

A biblioteca escolar na formação do hábito de leitura: uma realidade de dois colégios públicos estaduais de Itamaraju/Bahia

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional da Faculdade Vale do Cricaré (FVC), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional, na área de concentração Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional.

Aprovado em 21 de Março de 2015.

COMISSÃO EXAMINADORA



Prof.^a. Dr.^a. LUCIANA TELES MOURA
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)
Orientadora



Prof. Dr. EDMAR REIS THIENGO
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)



Prof. Dr. JEFFERSON BOMFIM ROCHA
Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas (FACISA)

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, pelo incentivo e amor.

À minha querida orientadora Luciana Teles Moura, pela força e ajuda em todos os momentos. Obrigada pela confiança e pelo estímulo!

Aos professores do Faculdade Vale do Cricaré, pela dedicação e por participarem da minha caminhada no Mestrado.

Aos colegas de Turma, pela amizade, companheirismo e aos amigos de Mestrado, Jackson, Fernando e José Ferreira, pela força e ajuda incondicional.

Obrigada a todos!

PINTO, Emanuel Vieira. A biblioteca escolar na formação do hábito de leitura: uma realidade de dois colégios públicos estaduais de Itamaraju/Bahia. 2015. 101 f. Dissertação (Mestrado) -- Faculdade Vale do Cricaré. São Mateus, Espírito Santo, 2015.

RESUMO

A proposta da pesquisa foi estudar a importância da biblioteca escolar na formação do hábito de leitura, pois esse elo vem sendo construído por toda a história da biblioteca; sendo assim, essa construção é cada vez mais importante, pois a escola tem um papel fundamental na formação do cidadão e do ser social, e a biblioteca tem a função de garantir o acesso a informações e ajudar em sua caminhada como leitor. Justifica-se este trabalho pela contribuição aos estudos das bibliotecas escolares públicas na formação do leitor, que têm como função a relação da biblioteca com o ambiente externo, função nobre que permite dar ênfase ao seu papel social, utilizando atividades fundamentadas nos serviços de disseminação desenvolvidos pelo bibliotecário profissional da informação. O problema encontrado nessa temática passa pelo entendimento do papel social da biblioteca escolar na vida do leitor, então, fica a pergunta: será que a biblioteca escolar cumpre verdadeiramente seu papel na formação do leitor? Sendo assim, o objetivo geral é analisar a importância da biblioteca escolar pública no município de Itamaraju – Bahia na formação do hábito de leitura do estudante do ensino médio. Para tratar o tema da pesquisa – biblioteca escolar pública na formação do leitor –, a pesquisa foi caracterizada como quali-quantitativa. A educação escolar de Itamaraju apresenta os seguintes dados: possui 118 escolas, sendo divididas entre Escolas Municipais (94), Escolas Estaduais (9) e Escolas privadas (15), sendo que 59% possuem bibliotecas e o número de alunos matriculados em toda a rede é de 19.689. Ficou evidente na pesquisa que 87% dos estudantes frequentam a biblioteca da escola, revelando, assim, a importância da biblioteca como ponto de apoio na sua formação como estudante; 100% dos alunos têm a visão sobre a relevância da biblioteca na escola, mas ainda não têm o hábito de utilizá-la frequentemente, e sim, apenas, para fazer alguns trabalhos e leituras rápidas. A utilização dos professores referente à biblioteca revela que 81% deles utilizam-na, mostrando, dessa forma, a importância e o valor da biblioteca escolar. Percebe-se, ainda, uma resistência ou falta de esclarecimento de 19% dos professores sobre a biblioteca como ferramenta pedagógica. Os resultados apontados na pesquisa evidenciam que o hábito de leitura ainda não é desenvolvido de forma suficiente, pois os alunos e professores estão abaixo da média nacional de leitura de livros – este é um fato preocupante apontado na pesquisa, pois um país sem leitores não se desenvolve satisfatoriamente.

Palavras-Chave: Biblioteca Escolar; Formação do Leitor; Leitura.

PINTO, Emanuel Vieira. The school library on formation of the reading habit: a reality of two State Public Schools of Itamaraju / Bahia. 2015. 101 f. Thesis (MS) - Valley of Cricaré College. São Matheus, Espírito Santo, Brazil, 2015.

ABSTRACT

The purpose of the research was to study the importance of the school library in the formation of the reading habit, because this link has been built throughout the history of the library; therefore, this construction is increasingly important because the school has a fundamental role in the formation of the citizen and the social being, and the library has the task of ensuring access to information and help in your way as a reader. This work is justified by the contribution to the studies of public school libraries in the reader's training, which function the library's relationship with the external environment, noble function that allows to emphasize its social role, using activities based in developed dissemination services the professional librarian information. The problem encountered in this issue requires an understanding of the social role of the school library in the reader's life, then, the question remains: Does the school library truly fulfills its role in the reader's training? Thus, the general objective is to analyze the importance of public school library in the city of Itamaraju - Bahia in the formation of high school student reading habit. To address the issue of research - public school library in the reader's training - the research was characterized as qualitative. School education of Itamaraju presents the following data: it has 118 schools being divided between municipal schools (94), State Schools (9) and private schools (15), and 59% have libraries and the number of students enrolled in all network is 19,689. It was evident in the survey that 87% of students attending the school library, revealing thus the importance of the library as a point of support in his training as a student; 100% of students have a view on the relevance of the library at school, but not yet in the habit of using it often, but just to do some work and quick reads. The use of teachers regarding the library reveals that 81% of them use it, showing thus the importance and the value of the school library. It is clear, yet, a resistance or lack of awareness of 19% of the teachers about the library as a pedagogical tool. The results presented in the survey show that the reading habit is still not developed sufficiently, because students and teachers are below the national average of books read - this is a worrying fact noted in the survey, because a country without readers does not develop satisfactorily.

Keywords: School library; Reader's Training; Reading.

LISTA DE SIGLAS

Abrelivros	Associação Brasileira dos Editores de Livros
CBL	Câmara Brasileira do Livro (CBL)
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFLA	International Federation of Library Associations
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
MEC	Ministério da Educação
MINC	Mais Cultura, do Ministério da Cultura
PNBE	Programa Nacional Biblioteca da Escola
PNLL	Plano Nacional do Livro e da Leitura
PROLER	Programa Nacional de Incentivo à Leitura
SNEL	Sindicato Nacional dos Editores de Livros
UNESCO	United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Tipo de suporte informacional mais utilizado	56
Gráfico 2: Frequência de visita à biblioteca da escola	63
Gráfico 3: Tipo de leitura desenvolvida na biblioteca da escola	63
Gráfico 4: Local onde gosta de ler	64
Gráfico 5: Projeto de incentivo à leitura	64
Gráfico 6: Índice de leitura na biblioteca	65
Gráfico 7: Importância da biblioteca	65
Gráfico 8: Quantidade de livros lidos no ano de 2014	66
Gráfico 9: Visão dos professores sobre hábito de leitura dos alunos	68
Gráfico 10: Visão dos professores sobre o hábito de leitura dos alunos	69
Gráfico 11: Atividades desenvolvidas pelos professores na biblioteca	77
Gráfico 12: Frequência do professor na biblioteca	79
Gráfico 13: Percepção dos professores a respeito da quantidade de leitura dos alunos	81

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Identificação do perfil do aluno	54
Tabela 2: Gosto pela leitura	55
Tabela 3: Percepção da leitura pelos alunos	57
Tabela 4: Preferência de leitura	58
Tabela 5: Desenvolvimento da leitura em sala de aula	60
Tabela 6: Conteúdo trabalhado em sala de aula	61
Tabela 7: Identificação da amostra dos professores	67
Tabela 8: Livros indicados pelos professores	70
Tabela 9: Critério para escolha de livro pelos professores	71
Tabela 10: Características de um bom leitor	72
Tabela 11: Visão dos professores – gosto literário dos alunos	73
Tabela 12: Visão dos professores sobre a frequência de leitura dos alunos	74
Tabela 13: Incentivo à leitura	76
Tabela 14: Atividades de leitura	78
Tabela 15: Utilização dos materiais da biblioteca	80

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 REVISÃO DE LITERATURA	20
2.1 Breve contexto histórico da biblioteca escolar no Brasil	20
2.2 Caracterização da biblioteca escolar	29
2.2.1 A biblioteca escolar e o profissional bibliotecário	32
2.3 A formação do leitor no ambiente da biblioteca escolar	35
2.4 Políticas públicas de promoção da leitura e a biblioteca escolar	42
3 METODOLOGIA	45
3.1 Tipo de pesquisa	45
3.2 Amostragem	48
3.3 Técnica para coleta dos dados	51
3.4 Análise dos dados	52
4 ANÁLISES E DISCUSSÃO DOS DADOS	54
4.1 Caracterização dos alunos dos Colégios Modelo e Polivalente	54
4.2 Percepção dos alunos do Colégios Modelo e Polivalente	55
4.3 Caracterização dos professores dos Colégios Modelo e Polivalente	67
4.4 Percepção dos professores dos Colégios Modelo e Polivalente	68
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
Referências	89
Apêndice	96
Anexo	99

1 INTRODUÇÃO

Pesquisar a biblioteca escolar e sua função disseminadora e formativa de leitores ao longo da história é uma tarefa fascinante, mas que oferece muitos obstáculos, tendo em vista a influência dos fenômenos sociais, estruturais e tecnológicos. Nesse sentido, investigar a biblioteca escolar é mergulhar em um universo que reflete a própria história humana, que traz consigo um inesgotável potencial para a investigação científica.

O processo de mudanças nas bibliotecas de instituições de ensino público no Brasil vem acontecendo de forma gradativa. Em função de motivos econômicos ou sociais, as escolas hoje passaram de simples centros de educação a grandes colaboradores na formação global do indivíduo e sua inserção na sociedade. A preocupação com a sua formação ética, valores morais e intelectuais começa na educação infantil e segue até ao ensino superior e pós-graduação.

A busca pelo conhecimento parece ser algo natural do ser humano. Essa busca dá-se de diversas formas, e é a leitura um dos caminhos para se chegar até ele. A biblioteca, sendo um espaço onde se encontram reunidas diversas formas de leitura, torna-se fundamental para a apropriação do conhecimento.

Para melhor entendimento desse processo é necessário saber o conceito estabelecido por alguns autores sobre o significado da palavra biblioteca; é importante entender o sentido etimológico desse termo. Para Schwarcz (2002, p.32), a palavra biblioteca é de origem grega e surgiu da conexão de duas palavras, *biblio* e *têke*, que teriam sentido duplo de “prateleira ou depósito para guardar livros, escritos, rolos de papiro e de pergaminho arrumados em estantes”.

Ferreira (2001, p.97) define que: “biblioteca é a coleção pública ou privada de livros e documento congêneres, para estudo, leitura e consulta. Edifício ou recinto onde ela se instala. Móvel onde se guardam e/ou ordenam livros”.

No entanto, o conceito e as explicações para a palavra vêm se transformando e se ajustando por meio da própria história das bibliotecas. Para Fonseca (1992, p. 60), um novo conceito “é o de biblioteca menos como coleção de livros e outros documentos, devidamente classificados e catalogados do que como assembleia de usuários da informação”. Isso quer dizer que as bibliotecas não devem ser vistas

como simples depósitos de livros. Elas devem ter seu foco voltado para as pessoas no uso que essas fazem da informação, oferecendo meios para que estas circulem da forma mais dinâmica possível.

Sendo assim, ao definir biblioteca, o item tradicionalmente mais ressaltado pelos autores é a parte material, porém, há muito mais em uma biblioteca que deve ser observado. Sobre esta questão, Schwarcz (2002, p.120) relata que:

[...] esse local labiríntico é, entretanto, e acima de tudo, uma instituição, onde se desenham desígnios intelectuais, realizam-se políticas de conservação, elaboram-se modelos de recolha de textos e de imagens. Mais que um edifício com prateleiras, uma biblioteca representa uma coleção e seu projeto. Afinal qualquer acervo não só traz embutida uma concepção implícita de cultura e saber, como desempenha diferentes funções, dependendo da sociedade em que se insere.

Sendo assim, uma biblioteca não pode ser vista apenas como um depósito de escritos, mas, acima de tudo, como um espaço voltado a pesquisas para construção de saberes, ou seja, um espaço em que a sociedade em geral tenha o hábito de frequentar.

No processo histórico das bibliotecas, o principal objetivo era o acúmulo de todo o conhecimento produzido. Esse ideal, atualmente, é verificado em outro espaço: a Internet. Dessa forma, as bibliotecas não se constituem apenas como um lugar, um espaço físico. Elas são, na realidade, uma instituição, um projeto, uma forma de poder (FURTADO, 2007).

Bibliotecas escolares, com qualquer nome que tenham, são uma realidade nas escolas brasileiras, ainda que estejam longe de cumprir o papel que lhes caberia para emancipar, autonomizar e encantar os leitores em formação - que a escola acolhe cada dia mais. Conhecê-las é condição para propor políticas de acesso a suportes e materiais que guardam a memória e a vida de todos os homens e mulheres, um tempo, sua história, a ciência e o mundo.

Para a existência de uma biblioteca escolar com condições de atender ao público visando desenvolver o hábito da leitura, é necessário que três elementos básicos estejam interligados entre si: bibliotecários, livros e usuários. Sobre esta questão, Silva (1995, p.106) comenta que:

Sem o bibliotecário, com os seus conhecimentos organizacionais e de orientação, o espaço dos livros torna-se altamente caótico e tende a perecer rapidamente. Sem livros, o espaço torna-se inútil. Sem usuário, o espaço da biblioteca não se dinamiza, perde o seu valor e morre.

Esses três elementos (bibliotecários, livros e usuários) são de fundamental importância para a existência de uma biblioteca, mas, infelizmente, nem sempre podemos contar com isso, pois em muitos casos têm-se os livros, leitores e não o bibliotecário, em outros casos, os livros são insuficientes ou desatualizados; sendo assim, as realidades, no que diz respeito à biblioteca, são múltiplas.

As bibliotecas escolares são, antes de qualquer coisa, espaços voltados para a leitura. Uma biblioteca bem estruturada, dinamizada por profissionais especializados (bibliotecários), pode se tornar uma ferramenta poderosa na formação de leitores, quando são realizados projetos que visem desenvolver o hábito de frequentá-las.

O processo de construção da biblioteca escolar no Brasil passou por várias fases até sua consolidação, e tem seu destaque como um bem comum para toda a sociedade brasileira. Inicialmente, o leitor não era levado em consideração, pois os acervos eram constituídos de forma aleatória, sem saber a necessidade informacional dos usuários.

Percebe-se a importância da Biblioteca Escolar como efetivo instrumento de ação e aplicação dos valores humanos da sociedade, mas, na prática, pouco tem sido contemplado.

A problemática desse contexto é uma realidade preocupante, pois, no Brasil, o índice de analfabetos ainda é grande. Dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) revelam que o Brasil, nos anos de 2011 e 2012, possuía mais de 16 milhões de analfabetos, e os analfabetos funcionais, se somados a esse dado, são mais de 33 milhões.

A região Nordeste concentra quase 50% desse contingente, sendo que a Bahia está entre os cinco estados onde se situa metade dos analfabetos do país na distribuição total de analfabetos absolutos. E, apesar de ser o Estado que mais possui escolas, apresenta o menor percentual de escolas com bibliotecas: 7,06%.

Dados levantados pelo Censo Escolar 2004 (INEP) mostram que, das 53 mil bibliotecas escolares existentes em todo o país, 46 mil (86%) encontram-se em áreas urbanas, sendo que a rede privada concentra o maior número de bibliotecas.

A Região Sudeste possui o maior número de bibliotecas escolares (39% do total). Os dados apresentados mostram as enormes desigualdades regionais e a desigualdade na distribuição de bens culturais.

Diante dessa realidade, o governo brasileiro vem trazer algumas propostas para combater esse quadro, por meio dos programas de incentivo à leitura na escola e bibliotecas.

A tentativa é minimizar esse déficit nas regiões que necessitam de recursos para a formação dos alunos e professores, visando também melhorar a estrutura física, tanto da escola quanto da biblioteca, disponibilizando para seu leitor um espaço agradável e com um acervo atualizado.

Ao decorrer desta dissertação, as políticas públicas de incentivo à leitura desenvolvidas pelo governo brasileiro serão apresentadas com mais detalhes. Entre os motivos para a não contemplação das perspectivas atribuídas às bibliotecas estaria a falta de investimentos governamentais e também a ausência de políticas bem definidas.

Outra razão é que, no contexto majoritário das escolas, tanto de cunho municipal como estadual, existem poucas bibliotecas e, das existentes, é esporádica a figura do bibliotecário como mediador e efetivo elemento do desenvolvimento de suas atividades. Além disso, o seu aparato tecnológico é escasso ou, em alguns casos, inexistente, e o espaço físico, na maioria das vezes, inadequado (ALMEIDA JÚNIOR, 1997).

A biblioteca escolar tem sido importante instrumento para a construção da Biblioteconomia, área em que o profissional bibliotecário pode atuar e desenvolver seu trabalho, seja no contexto histórico, seja no acadêmico ou, ainda, no profissional, o que tem gerado diversas discussões e produções sobre o assunto.

O presente estudo vem tratar sobre a relevância da formação do hábito de leitura nas bibliotecas escolares. Esse binômio biblioteca e leitor vem sendo narrado durante muito tempo na história das bibliotecas, pois esse espaço e o livro têm um poder transformador na vida do cidadão e do ser social.

A justificativa desse estudo vem trazer um novo olhar sobre uma realidade frequente nos municípios brasileiros: a falta de bibliotecas escolares sem infraestrutura para atender seus usuários e profissionais capacitados para a formação e incentivo ao hábito da leitura. Sendo assim, a biblioteca tem um papel

social muito importante na sociedade para a disseminação e acesso à informação gratuita.

O problema encontrado nessa temática passa pelo entendimento do papel social da biblioteca escolar. Nesse sentido, fica então a pergunta: De que forma a biblioteca escolar estadual pública de Itamaraju-Ba vem cumprindo seu papel na formação do hábito da leitura?

E nesse processo também é necessário entender a complexidade de todo procedimento formativo do leitor desenvolvido nas bibliotecas escolares públicas. Esta é uma tarefa essencial, porque assim é possível compreender a abrangência das atividades desenvolvidas pelo bibliotecário profissional da informação no espaço da biblioteca escolar.

A literatura apresenta diferentes abordagens, demonstrando que os sistemas adotados nas bibliotecas mudam a sua funcionalidade, dependendo da estrutura em que se fundamenta: centralizada ou descentralizada, evidenciando que a estrutura organizacional pode ser alterada em função da dispersão física e geográfica.

Acredita-se que a formação de leitores nas bibliotecas escolares públicas depende das condições e argumentos em relação ao ambiente; do ponto de vista do bibliotecário profissional da informação, os processos de disseminação da informação que envolvem o leitor devem adequar-se à comunidade escolar, entre outras razões, dar ênfase ao aspecto regional e, por esse motivo, a proposição do tema é pertinente.

A biblioteca escolar, atuando como agente participativo nesse processo, está mudando também, levando em conta a mudança da relação de dependência do aluno-professor para a independência (SIMÃO; SCHERCHER; NEVES, 1993).

É preciso compreender que a leitura, além de proporcionar momentos de lazer, é uma ferramenta indispensável se quisermos fazer parte de uma sociedade com capacidade para ser realmente livre e atuante.

A proposta desse trabalho é, portanto, primeiramente, fazer um estudo a respeito das bibliotecas escolares no município de Itamaraju-Bahia, mas, antes é necessário conhecer de forma sucinta o perfil da cidade de Itamaraju, que já foi a maior potência econômica da região, em virtude do auge do cacau, nos anos 70, 80 e 90. Hoje, é o 5º município em arrecadação do extremo sul, ocupa a quarta posição populacional da região com 67.128 habitantes e possui maior território do extremo sul baiano com 2.580 km². Emancipou-se em 05 de outubro de 1961, desmembrado

do município de Prado. Itamaraju possui o quarto maior centro comercial do extremo sul do Estado, com um comércio forte e sólido (IBGE, 2010). A educação escolar de Itamaraju apresenta os seguintes dados: possui 118 escolas, sendo divididas entre Escolas Municipais (94), Escolas Estaduais (9) e Escolas privadas (15), sendo que 59% possuem bibliotecas e o número de alunos matriculados em toda a rede é de 19.689 (BRASIL, 2013).

A proposta de desenvolver esse tema teve o intuito de mostrar a importância de incentivar o hábito de desfrutar uma biblioteca escolar, tendo em vista desenvolver uma sociedade leitora. Sendo assim, o objetivo geral desta pesquisa é analisar de que forma as bibliotecas escolares estaduais públicas contribuem para a formação do hábito de leitura dos estudantes do ensino médio.

Os objetivos específicos previstos são:

- 1 Mapear as bibliotecas escolares do município de Itamaraju/Bahia;
- 2 Identificar as ações implementadas pelas bibliotecas escolares no município de Itamaraju/Bahia para facilitar o acesso à informação dos estudantes;
- 3 Avaliar estudantes e professores a respeito da utilização do espaço da biblioteca escolar para o desenvolvimento da leitura;
- 4 Propor um plano de ação para desenvolvimento e fortalecimento da leitura na escola.

Para tratar o tema da pesquisa biblioteca escolar pública na formação do leitor, a pesquisa foi caracterizada como pesquisa mista (qualiquantitativa). A pesquisa mista não tem como objetivo principal enumerar e/ ou medir os resultados pesquisados, quando não somente emprega instrumento estatístico na análise dos dados, ou seja, caracteriza-se pesquisa mista quando as obtenções dos dados descritos são por pessoas, quando as análises são de lugares e processos interativos por contato direto do pesquisador com a situação pesquisada, quando o pesquisador procura entender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos (LEITÃO, 2005, p.48-49).

Portanto, a temática dessa pesquisa centrou-se na formação de leitores e na participação das bibliotecas escolares nesse processo; para tanto, serão utilizados questionários respondidos por professores e alunos da rede pública.

A pesquisa encontra-se dividida, inicialmente, em cinco capítulos, conforme as necessidades de organização funcional exigidas pela pesquisa.

O primeiro capítulo apresenta as considerações introdutórias, justifica a pesquisa, delinea o problema, os objetivos (geral e específicos) e os caminhos percorridos para a construção da pesquisa.

O segundo capítulo traz a fundamentação teórica, tem como foco o resgate histórico, um processo permanente de construção, ou seja, cada época, cada contexto, cada realidade mostra a biblioteca no Brasil e na Bahia sob diversos olhares através do tempo. Para compreender o processo dos acontecimentos, da evolução e da importância das bibliotecas escolares, devemos entender primeiramente o contexto histórico que envolve o surgimento das escolas e das bibliotecas.

O terceiro capítulo concentra-se na metodologia e nos procedimentos metodológicos, onde com intuito de atender aos objetivos da pesquisa e considerando o referencial teórico adotado, percebemos que a pesquisa quantitativa, embora interessante, não seria suficiente para dar conta de nossa análise. Da mesma forma, a pesquisa qualitativa também é insuficiente para responder eficazmente à nossa pergunta central e atingir, dessa forma, os objetivos. Foi assim que optamos por uma pesquisa quali quantitativa, visto que essa nos permite passear por formas diferentes de análise, ampliando nossa visão sobre os resultados obtidos.

O quarto capítulo apresenta a análise dos resultados, em que foram observadas as percepções dos professores e alunos sobre o hábito de leitura na biblioteca escolar. Foram analisadas as entrevistas, a partir das quais ficaram identificadas práticas e posicionamentos, referentes à formação do hábito de leitura dos membros participantes da pesquisa. Por meio das análises, ficou evidente que traçar a formação do hábito de leitura de alunos e professores é um trabalho complexo, imerso em inúmeras variáveis e que, ao mesmo tempo, possui traços comuns por parte dos pesquisados.

O quinto capítulo traz as conclusões da pesquisa e observações sobre o estudo realizado, relatando que a construção das relações entre leitores e livros está intrinsecamente ligada às circunstâncias em que se produzem as experiências de leitura proporcionadas pelas práticas escolares, numa relação de interdependência

entre as políticas públicas de fomento à democratização do livro e os determinantes do trabalho dos professores no tocante à formação de leitores.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Breve contexto histórico da biblioteca escolar no Brasil

A Biblioteca, no seu cerne, teve a incumbência de guardar e preservar os livros – estes reuniam escritos de intelectuais egípcios, gregos e romanos. Entre os séculos VIII e XII eram locais onde os manuscritos eram traduzidos do árabe para o grego, latim e sânscrito.

Uma das primeiras bibliotecas que tentou reunir os conhecimentos da humanidade foi a biblioteca de Alexandria, fundada por Alexandre Magno, em aproximadamente 332 a.C. (sendo considerado pelo povo um libertador do jugo persa que os dominava), como parte de seu projeto de formação de um império universal.

Idealizou uma grande cidade que se tornou a mais importante do império helenístico, e seus sucessores continuaram seu projeto ao construírem um grande centro de saber em Alexandria. Tal memória foi formada por meio dos documentos reunidos na biblioteca, visto que estes representavam as escolhas dos soberanos e dos bibliotecários que indicavam quais obras seriam armazenadas na biblioteca real e quais iriam para a biblioteca filha, num processo incessante de depositar todas as obras disponíveis e em todas as línguas, afirmando, assim, a primazia sobre outros povos e o domínio cultural advindo deste processo de montagem do acervo (MARTINS, 2002).

A movimentação na biblioteca era restrita a uma elite de sábios, pensadores, estudiosos que tinham acesso aos milhares de rolos de papiro acumulados por anos de reinado ptolemaico, numa tentativa de reunir num só lugar todo o saber registrado pelos vários povos e línguas de todo o mundo. Era um lugar de leitura, de descobertas e criação, onde os pesquisadores buscavam conhecimentos e dialogavam com autores antigos, muitas vezes reescrevendo, traduzindo ou atualizando escritos. Segundo Jacob (2000, p. 51):

[...] a 'grande biblioteca' de Alexandria funda uma nova relação com o tempo e o espaço. Há o tempo da busca dos livros, de sua acumulação

progressiva que visa criar uma memória total, universal, abolindo a distância com o passado para propor num mesmo lugar de conservação todos os escritos humanos, os vestígios do pensamento, da sabedoria e da imaginação. A coleção afirma uma vontade de domínio intelectual ao impor uma ordem à acumulação de livros e de textos provenientes de regiões e de épocas muito variadas.

A Biblioteca de Alexandria era um espaço de conservação do patrimônio intelectual, linguístico e literário do império helenístico como parte integrante de um projeto político baseado na dominação pelo saber e assimilação cultural. Estratégias utilizadas por Alexandre Magno para estender o seu poder sobre os persas foram baseadas, em grande parte, no saber, na cultura e na assimilação do conhecimento armazenado nas estantes das bibliotecas que eram frequentadas por uma por uma minoria de sábios e representantes da elite intelectual da época.

Sendo assim, as primeiras Bibliotecas foram construídas e projetadas para armazenar grandes volumes de material. Eram verdadeiros depósitos de livros – sua finalidade era de acumulação e de preservação. Com o desenvolvimento dos povos pelo mundo, surgem outras formas de pensar as bibliotecas, dando destaque para as públicas e escolares, que são o objeto de estudo da pesquisa.

Nesse sentido, sugerimos uma reflexão para entendermos como foi construída e formada essa história da biblioteca escolar no Brasil. As bibliotecas escolares tiveram início nos colégios religiosos, principalmente na formação dos jesuítas, no estado da Bahia, por volta de 1549, dirigidos por Manuel da Nóbrega. A finalidade foi catequizar índios e instruir colonos (MORAES, 2006). Dessa forma, pode-se perceber que a igreja estava diretamente ligada à biblioteca escolar e ao contexto escolar e educativo. Segundo Leite (1942, p. 144), um ponto relevante para a educação deste momento é que “a Igreja foi à única educadora do Brasil até o fim do século XVIII, representada por todas as organizações religiosas do clero secular e do clero regular, que possuíam casas no Brasil”.

A biblioteca escolar com toda sua estrutura religiosa, construída desde o século XVI, tem três situações complementares que influenciam a sua realidade atual: a primeira é que ela era voltada para um público com status econômico e social mais alto, principalmente dos colégios particulares; a segunda é que a ideia de biblioteca escolar está amplamente ligada à percepção religiosa. Uma terceira situação que, de certo modo, é uma tentativa de expandir a ideia de biblioteca

escolar para outras escolas consideradas mais carentes, especialmente as de caráter público.

A construção das bibliotecas escolares teve influência dos colégios dos jesuítas, tendo início na Bahia e se disseminando em outras capitanias. Contudo, esses colégios não foram os únicos a explorar a educação no Brasil. No século XVII, apareceram no Brasil diferentes ordens religiosas com o intuito de implantar seus colégios e conseqüentemente as bibliotecas escolares.

De acordo com Carvalho (2010, p. 23-24):

Podem ser destacadas, além dos jesuítas, as ordens dos franciscanos, beneditinos e carmelitas, que chegaram já em meados do século XVII (ou mesmo que tenham seus registros atestados a partir desse século). A prova de que outras ordens forneceram suas contribuições está nos seus métodos de estudos. Os franciscanos, por exemplo, agregaram métodos de valores experimentais das ciências, valorizando os estudos de ideais franceses, representados, sobretudo pela ideia da ilustração, enquanto os métodos jesuíticos eram essencialmente escolásticos.

Sendo assim, a visão estabelecida pelas instituições religiosas sobre a educação e referente as bibliotecas escolares, ainda tinha uma ideologia teológica-científica. A criação dos colégios e bibliotecas escolares eram em pontos estratégicos e em diversas localidades no Brasil.

Das bibliotecas escolares jesuíticas, as localidades que tiveram maior destaque foram: Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo, Maranhão, Pernambuco (Olinda e Recife) e Pará. Já as bibliotecas dos franciscanos que mais se destacaram foram as que estavam centradas nas localidades de Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Olinda. As de ordem beneditina tiveram suas instalações de bibliotecas escolares no eixo Rio de Janeiro - São Paulo (LEITE, 1942).

O governo imperial representado nesse período pelo Marquês de Pombal produziu uma circular de 19 de maio de 1835, proibindo o noviciado, mas algumas ordens, em certas províncias, resistiram mais tempo que em outras. O período de ascensão dos colégios religiosos na construção das bibliotecas escolares foi até o final do século XVIII, e seu declínio nos meados do século XIX (MORAES, 2006).

A justificativa plausível para essa circular aplicada pelo Marquês de Pombal foi a ascensão dos ideais iluministas trazidos da França, que não aceitavam as ideias da Igreja católica. O conflito entre o iluminismo e a Igreja católica teve destacada ênfase durante o século XVIII e meados do século XIX, o que levou à

decadência de diversos conventos no Brasil. Essa medida teve impactos diretos nos acervos das bibliotecas escolares, que foram totalmente abandonados.

Com a decadência do colégio religioso, é possível identificar outras escolas que surgem visando a educação do ensino formal; essas escolas e suas bibliotecas escolares, embora com influências religiosas, estavam voltadas para o público infantil, adolescente, além de pais e responsáveis.

O declínio dos colégios religiosos e o aparecimento de novas bibliotecas escolares oportunizaram a criação de várias escolas por todo país. A criação da biblioteca escolar George Alexandre, do Mackenzie College, em (1886) e quatro anos depois a escola Mackenzie College, sendo considerado como marco do ensino paulista, é um exemplo dessa expansão (CASTRO, 2000).

Fica claro que instituições religiosas vão perdendo seu domínio sobre o letramento da população, pois neste momento existe um grande estímulo e necessidade de disseminação do conhecimento.

Segundo Almeida e Carvalho (1996, p. 48), o Mackenzie College:

Incorpora ao ensino paulista ideias revolucionárias, que o diferenciava dos outros tradicionais colégios, tais como: Dom Bosco, São José, São Luís e Arquidiocesano: liberdade de ensino religioso, exclusão de toda e qualquer forma de discriminação racial, política.

É relevante destacar que a biblioteca escolar vai tendo uma maior abrangência no final do século XIX e início do século XX. Contudo, são as bibliotecas escolares em colégios particulares que têm o maior destaque nesse período, tendendo a implantar métodos educativos com direcionamento religioso, sendo que a maior parte dos estudantes era formada pela elite brasileira da época.

Dessa forma, há três pontos a serem destacados nesse contexto, relacionados às bibliotecas escolares particulares: 1º a biblioteca escolar dispõe de uma grande aparato, ou seja, em termos de infraestrutura e acervo; 2º o acesso a ela era apenas restrito aos membros das ordens religiosas; 3º a biblioteca escolar, pelas razões expostas nos itens anteriores, em muitos casos, entre o século XVI e XIX, parecia mais uma biblioteca especializada, devido ao direcionamento dos temas religiosos e científicos, com o intuito de apenas catequizar seus usuários e instruir índios e colonos.

É no século XIX que a biblioteca escolar, especialmente nas grandes escolas privadas com ênfase religiosa nas doutrinas católica e protestante, começa a adquirir a noção que tem hoje (CASTRO, 2000).

No século XX, a biblioteca escolar conquista um novo espaço, com as reformas ocorridas na educação brasileira. Em 1930, as ações no âmbito das bibliotecas foram reformuladas no sentido de disseminar informação ao maior número de pessoas; a população de um modo geral não tinha acesso com facilidade à informação. Com o passar do tempo isso foi mudando com a introdução de políticas nacionais estabelecidas pelo governo. Nesse sentido, Eggert-Steindel e Oliveira (2002, p.2) apontam que “no âmbito nacional as reformas do ensino pautadas na Escola Nova realizadas por Fernando de Azevedo (1927-1930) e Anísio Teixeira (1931 – 1935), legitimaram a biblioteca escolar no sistema de ensino”.

Para Teixeira (1971, p. 20), “o intuito de atingir aos fins da educação, a escola deveria ser um ambiente bonito, moderno e acolhedor. O trabalho pedagógico deveria apaixonar tanto aos alunos quanto aos professores”.

Anísio Teixeira defendia uma escola ampliada e voltada à formação integral da personalidade e do caráter humano, com capacidade visionária quanto ao destino da nação, em conjunto com intelectuais em defesa de projetos que irão reformar o aspecto educacional com a organização de debates e manifestações para alcançarem uma escola pública, gratuita e qualificada.

Cavaliere (2002, p. 10) assim escreve:

Educação integral, significando uma educação escolar ampliada em suas tarefas sociais e culturais com o objetivo de reconstrução das bases sociais para o desenvolvimento democrático, o qual só poderia se dar a partir de indivíduos intencionalmente formados para a cooperação e a participação.

No ano de 1940 procurou aperfeiçoar uma política nacional de educação com intuito de reorganizar a educação brasileira; esse foi marco inicial para estabelecer parâmetros para uma educação nacional, segundo afirma Beirith (2009, p. 157):

Em janeiro de 1946 foram instituídas as Leis Orgânicas Federais do Ensino Primário e do Ensino Normal. Ambas pertencem a um conjunto de leis baixadas de 1942 a 1946 que ficaram conhecidas como Reformas Capanema. Com essas Reformas, toda a estrutura educacional brasileira foi reorganizada na tentativa de estabelecer uma política nacional única para a educação no país.

Dessa forma, a biblioteca escolar, nos anos de 1930 e 1940 está compreendida nesse processo de reforma educacional, tendo em vista todo o desenvolvimento e valorização educativa estimulando o processo ensino-aprendizagem na formação da sociedade e intensificando o gosto pela leitura no indivíduo.

Esse estreitamento da biblioteca escolar com outras instituições, tanto religiosas, particulares, públicas e governamentais, foi necessário para ter uma visão holística para melhor configurar as instalações das bibliotecas e seu acervo, no intuito de aumentar a circulação de usuários nas bibliotecas escolares. Dessa maneira, o documento do BRASIL (2002, p. 28 e 29) relata que:

O acervo das bibliotecas deve ser composto por [...] livros sobre viagens, ciências naturais (tanto quanto possível sob a forma atrativa), biografias, poesias, obras didáticas, dicionários, revistas e jornais ilustrados e outros de interesse educativo. [...] As bibliotecas deverão ser enriquecidas com coletâneas feitas pelos próprios alunos com recortes de jornais, reunidos pelos assuntos: poesias fáceis, poesias para classes adiantadas, artigos sobre economia política, contos infantis, charadas, notícias históricas e outros. Quando houver oportunidade, promover-se-á sessão literária e artística, com finalidade educativa, aproveitando-se, quanto possível, a colaboração de intelectuais, ou artistas que estiverem de passagem pela localidade.

É necessário ressaltar que no período entre 1940 e 1950 houve um destaque para a construção e formação dos acervos da biblioteca escolar, pois ficou claro que só com a intervenção da sociedade civil a biblioteca escolar poderia tomar um rumo diferenciado, saindo assim de um dogmatismo religioso para ações didático-pedagógicas.

Outro ponto-chave para a construção do acervo da biblioteca escolar é a participação efetiva de alunos e pais, pois sem eles a mesma não teria sentido. Foram feitas reuniões com o público-alvo dessa biblioteca para saber sua real necessidade informacional, e então foram estabelecidos perfis de usuários para a biblioteca escolar; só assim o acervo poderia atender à necessidade daquele público específico.

Sendo assim, a década de 1950 pode ser considerada o ápice para as instalações das bibliotecas escolares tendo uma nova percepção a partir de procedimentos legais e pedagógicos, pois houve uma grande preocupação no modo

de pensar a biblioteca escolar: não seria apenas mais um depósito de livros; ela estaria direcionada ao seu público alvo.

Já nos anos de 1960/70 e 1980, a biblioteca escolar vai perdendo seu espaço com a popularização das bibliotecas públicas e acaba absorvendo tanto o público e o acervo dessas bibliotecas (FONSECA, 1992).

Acerca disso, a biblioteca escolar, por atender um público específico, que era composto apenas por alunos e pais da escola, vai sendo desvalorizada e perde seu espaço. A disseminação das bibliotecas públicas pelo país fortalece esse processo por causa da grande variedade de obras disponibilizadas no acervo, e passam a ter uma abrangência maior para seu público – o referencial da biblioteca pública passa a ser toda a sociedade brasileira.

No entanto, o período de 1930 a 1980 ficou marcado pela carência de políticas públicas voltadas para as bibliotecas, pois o governo tinha outras prioridades para a sociedade brasileira: compor ações integradas de incentivos entre os diversos tipos de bibliotecas: públicas; universitárias; comunitárias; populares; especializadas e escolares. Dessa maneira, a biblioteca foi perdendo sua força e valor por falta de investimento e incentivo governamental, pois com o passar do tempo a mentalidade política vai sofrendo mudanças, e o foco foi direcionado para outras áreas da sociedade. Sendo assim, por não existir uma continuação dessas políticas, acabaram sendo deixadas de lado muitas bibliotecas.

Com o passar do tempo, a biblioteca escolar foi sofrendo modificações. No ano de 1990 e na primeira década do século XXI foi possível observar um tímido desenvolvimento na sua estrutura física e conceitual e um aumento de políticas públicas direcionadas a elas.

A criação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB de 1996 e dos Parâmetros Curriculares Nacionais em 1997 – introduziu no corpo estrutural a biblioteca escolar como espaço de aprendizado e estímulo à leitura.

No ano seguinte à criação da LDB, o governo estabeleceu um importante passo para o fortalecimento da biblioteca escolar, criando o Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE). O programa estava mais direcionado à distribuição de livros nas redes de ensino e bibliotecas, pois ainda não tinha uma preocupação com a estruturação do local.

Segundo Garcez (2007, p. 28), os livros

Acabam sumindo pela falta de local apropriado (biblioteca), pela falta de tratamento adequado (carência do profissional bibliotecário) e pela falta de dinamização de leituras, reflexo da pouca parceria ou da pouca aproximação entre bibliotecários e professores.

Mais contundentes ainda são Iguma e Fernandes (2010, p. 6), quando afirmam que “Nascido com a finalidade de semear livros, o PNBE tem desempenhado sua função anualmente, no entanto, a dúvida que segue é até que ponto essa prática vai construir uma sociedade mais crítica e pensante”.

No processo de construção dessa visão histórica, o conceito de socialização da biblioteca escolar no século XX e XXI foi estabelecido de forma casual em caráter privado e, especialmente na área pública, sem muita valorização no cenário nacional. Um bom exemplo desse cenário e do esquecimento das bibliotecas escolares, é o de que qualquer profissional em fim de carreira ou com problemas de saúde era remanejado para as bibliotecas escolares, causando assim um grande impacto na estruturação e organização desses locais, pois a falta de experiência dessas pessoas não permitia a evolução do local, sendo cada vez mais o profissional bibliotecário desprivilegiado (SIMÃO; SCHERCHER; NEVES, 1993).

Ao longo da história, a biblioteca escolar brasileira foi se mostrando um espaço acessível apenas a uma pequena parte da população, não apresentando uma política e nem um gerenciamento estruturado, sendo cada vez mais sucateada e esquecida pelos governantes.

Consequentemente, essa configuração precisa ser reestruturada, com o intuito de transformar a biblioteca escolar em um local agradável, modificando sua identidade e rompendo com o mito de que a biblioteca é um depósito de livros; nessa nova identidade, a biblioteca escolar necessariamente terá de ser um espaço onde ocorrem reflexões, discussões e ações efetivas que transformem toda a sociedade.

As bibliotecas escolares no século XXI tiveram que adotar novas posturas, pois o desenvolvimento surpreendente em educação e tecnologia, a modificação de comportamento dos estudantes em relação à aprendizagem e ao sistema econômico contemporâneo têm um impacto enorme nas bibliotecas escolares.

Nesse sentido, torna-se necessário o acesso aos equipamentos e às redes de informação, através de telecentros ou similares, bem como capacitar o indivíduo por meio de serviços voltados para a competência em informação.

No século XXI, as bibliotecas precisam do apoio de um ambiente político que reconheça o seu papel central na preservação e acesso à informação pública e à memória cultural, em todas as suas formas. O paradoxo da informação digital – reproduzível infinitamente, mas inerentemente instável – requer o uso sofisticado das tecnologias digitais e de redes (CUNHA, 2003).

As novas tecnologias vêm agregar valor para as bibliotecas escolares, pois o novo formato midiático traz novas possibilidades para o estudante: o acesso à informação está ao alcance de um clique. O mundo da informação virtual possibilita ao aluno o acesso com mais facilidade ao conteúdo desejado, mas a tecnologia por si só não resolve e não cria o hábito de leitura nos estudantes; os espaços das bibliotecas escolares são de suma importância para estimular o hábito de leitura.

A nova geração tem maior domínio das Tecnologias da Informação e Comunicação, porém, apresentam resistência para as mais antigas. Muitos profissionais da área não perceberam, ainda, seu grande potencial, tanto no gerenciamento das bibliotecas, quanto na divulgação de suas atividades.

Paralelamente, a literatura que busca identificar novos papéis e tendências da biblioteca – no mundo cada vez mais virtual e globalizado -, assim como experiências bem-sucedidas de atuação dessas bibliotecas junto às comunidades carentes, tem sugerido que esta instituição possa ter um papel destacado no desenvolvimento comunitário (OLINTO; MEDEIROS, 2012).

A nova função da biblioteca escolar pode descrever-se como uma biblioteca escolar sem fronteiras, uma vez que possibilita acesso permanente, a partir de qualquer ponto. Podem ser implementadas de diferentes formas e, por conseguinte, garantem soluções à medida para as escolas, a nível individual, aplicações inovadoras em Tecnologias da Informação e Comunicação e em concepções educacionais.

A biblioteca escolar não só estimula, potencializa e facilita, mas também promove a aprendizagem. Nesta biblioteca, o conteúdo importa mais do que tudo. E isto não se consegue exclusivamente com livros e computadores.

Sendo assim, a sociedade precisa tomar a frente de suas ações exigir mais dos nossos governantes para mudar a realidade de muitas escolas e bibliotecas brasileiras, pois a responsabilidade na formação, construção e idealização delas também é nossa; as novas tecnologias trazem uma gama de possibilidades, mas se não forem bem utilizadas, serão apenas um meio mecânico de dominação e

alienação da sociedade, pois nossa sociedade deixa-se seduzir por todas as facilidades das novas tecnologias e acaba esquecendo o que é essencial no ser humano, que é o ser, e não o ter.

2.2 Caracterização da biblioteca escolar

A escola é uma organização complexa, permeada de significados, com compreensões variadas, abrangentes, que ultrapassam seus muros e com dimensões muito subjetivas, construídas historicamente sob as diversas formas de controle, entre estas, a Igreja e o Estado. Tem um papel fundamental na formação do cidadão e educação do sujeito, trazendo conceitos de valores éticos e morais, do ensino das artes e da cultura (TEIXEIRA, 1971).

Localizadas nas escolas, as bibliotecas devem estar integradas ao trabalho desenvolvido em sala de aula, e um de seus objetivos é despertar na criança o gosto pela leitura. As bibliotecas escolares são instituições que tem o poder transformador na realidade de muitos usuários (LEMOS, 1998).

Justamente sobre as bibliotecas escolares que é o foco desta reflexão se deterá a seguir, reconhecendo sua importância para o desenvolvimento intelectual do cidadão e propondo entendê-las um pouco mais do que foi exposto acima.

Para tanto, acredita-se na necessidade de contextualização das concepções acerca da biblioteca escolar, bem como na necessidade de adaptação da biblioteca a esta sociedade global, para que possa conquistar novos leitores, novos usuários, de uma nova era e que demonstra novos comportamentos, expectativas e necessidades.

O processo de criação de conceitos referentes à biblioteca escolar brasileira passa por várias visões e modificações interpretativas de vários autores, levando sempre o contexto social vivido; sendo assim, serão apresentadas algumas reflexões sobre essa temática para o fortalecimento do estudo.

Definir um determinado tipo de biblioteca passa antes por perceber o caráter dinâmico dessa instituição, compreender melhor sua missão e seu usuário prioritário, estando atento para não considerá-los estáticos ou definitivos (TARGINO, 1983).

A biblioteca escolar parece desconhecida por ambos os campos que, teoricamente, transferiram sua suposta responsabilidade pelo desenvolvimento da mesma para que o outro segmento a adotasse, não reconhecendo sua própria responsabilidade. Ou, veladamente, impuseram suas estruturas para que a biblioteca escolar as incorporasse indistintamente. Esta espécie de conflito, juntamente com o descaso de autoridades governamentais, relegou a biblioteca escolar a uma colocação bem peculiar.

Nesse sentido, em alguns momentos, a rigidez da Biblioteconomia e dos métodos educacionais infligiram à biblioteca escolar padrões igualmente rígidos, transformando-a em um espaço frio, burocratizado e estático dentro da instituição da qual fazia parte – a sua escola. Cheiro de mofo, poeira e um certo silêncio sepulcral constituíam os traços característicos das bibliotecas escolares por um longo tempo e que a confinaram como um espaço isolado à espera de que a usassem.

Para Milanesi (1984, p. 26), “visitas a bibliotecas escolares mostram com frequência acervos inúteis em espaços inadequados e sob a guarda agressivamente desinteressada de inadaptados, o que permite justificar a biblioteca como lugar de castigo”.

A biblioteca se mantinha como um depósito de livros, localizado em um canto obscuro da escola, quase sempre fechado, organização desativada, desvinculada do seu contexto e, naturalmente, à margem do processo de ensino-aprendizagem (QUEIROZ, 1985).

Nas palavras de Nóbrega (1995, p. 30):

Bibliotecas em eterna penumbra, em constante silêncio (o real e o figurado), livros encadernados de marrom austero, presos às estantes arranha-céu, completamente inalcançáveis. Lombadas milimetricamente etiquetadas, num virar de costas para o leitor, escondendo as entranhas do acervo, seu verdadeiro tesouro. Um lugar sem conflito. Um espaço de ausências. Uma arca fechada.

Negrão (1987, p. 25) trata a biblioteca escolar da seguinte forma:

A biblioteca escolar é um instrumento de desenvolvimento de currículo e permite o fomento à leitura e à formação de uma atitude científica; constitui um elemento que forma o indivíduo para a aprendizagem permanente; fomenta a criatividade, a comunicação, facilita a recreação, apoia os docentes na sua capacitação e oferece a informação necessária para a tomada de decisão em aula. Trabalha também com os pais e outros agentes da comunidade.

Santos (1989, p. 37) aponta para o objetivo da instituição e para a diversificação de seus materiais, segundo a autora: “o objetivo da biblioteca escolar é incentivar e disseminar o gosto pela leitura junto a crianças e adolescentes, através de material bibliográfico e não-bibliográfico, organizado e integrado aos interesses da instituição a que pertence”.

A autora também realça a importância da biblioteca escolar: “a biblioteca escolar é a base sobre a qual se edificam todas as outras bibliotecas gerais ou especializadas”, sendo que “o usuário de biblioteca escolar está mais motivado e capacitado a utilizar, no futuro, as bibliotecas, a fim de desenvolver sua vida intelectual, cultural e profissional”.

Válio (1990, p. 45) congrega em sua definição para biblioteca escolar aspectos como sua responsabilidade educativa e sua inegável ligação com a leitura e a formação de leitores:

Como mediadora, a biblioteca escolar é uma instituição que organiza a utilização dos livros, orienta a leitura dos alunos, coopera com a educação e com o desenvolvimento cultural da comunidade escolar e dá suporte ao atendimento do currículo da escola. Desse conceito depreende-se que a função da biblioteca escolar é incentivar a leitura dos alunos, tendo como objetivo a formação dos futuros leitores, e oferecer as condições necessárias à comunidade escolar, através da facilitação dos serviços de informação, em benefício do desenvolvimento do currículo e da competência do aluno para aprender a aprender.

Mayrink (1991, p. 55) retoma a ligação da biblioteca escolar com o processo de ensino-aprendizagem; segundo o autor:

O papel que a biblioteca escolar deve desempenhar junto à comunidade educacional tem muito a ver com os seus objetivos, que podem ser sintetizados em duas ideias centrais: dar ao aluno a oportunidade de ampliar seus estudos, proporcionando-lhe material adequado para tal e oferecer ao professor recursos necessários para integrar o aluno no processo de ensino-aprendizagem.

Também em várias conceituações encontra-se a biblioteca escolar, sendo denominada de laboratório de pesquisa escolar ou de aprendizagem. Conforme Oliveira (1972, p. 36), “A biblioteca é o laboratório da pesquisa escolar, através dela se pode encorajar a iniciativa do aluno e despertá-lo para a criatividade”. Um laboratório de aprendizagem integrado ao sistema educacional, devendo facilitar o

acesso, a disponibilidade e a utilização de seus recursos a toda comunidade educacional (BARROSO, 1984).

A biblioteca escolar não é apenas um centro de aprendizagem e conhecimento para os alunos, é também para os professores, profissionais não docentes, estruturas de gestão e, possivelmente, para os pais. Ela é o portal – físico e virtual – para todos os recursos e serviços.

São necessárias bibliotecas escolares fortes, com um bibliotecário escolar que seja agente dinâmico no processo de aprendizagem do aluno e no seu sucesso educativo. Existe um desafio real em jogo, não apenas para os professores e bibliotecários, mas também para os gestores escolares e políticos. Temos constatado qual o efeito da nova aprendizagem e tecnologia nos alunos – cada vez mais, esses decidirão por si como e onde aprender.

2.2.1 A biblioteca escolar e o profissional bibliotecário

A profissão do bibliotecário passou por várias formatações até chegar à atual. Com o avanço das tecnologias, assume novas posturas dentro das bibliotecas. A evolução dos suportes levou esse profissional a adaptar-se ao longo dos séculos, da Idade Média ao mundo contemporâneo.

O bibliotecário vem acompanhando o processo de desenvolvimento da sociedade, dos materiais e livros, que no período medieval eram manuscritos, passando na Idade Moderna para o impresso e, atualmente, apresentam-se em suportes eletrônicos ou digitais.

Essa nova conjuntura abriu um leque de oportunidade para esse profissional. A mudança de pensamento é determinante para essa evolução; a definição do bibliotecário como mero guardião do conhecimento no período medieval evoluiu, possibilitando que atualmente ele seja visto como um profissional que é um gestor, incumbido de todo funcionamento da Biblioteca.

Os desenvolvimentos tecnológicos oferecem numerosas possibilidades. Para além disto, a investigação também mostra aquilo que os alunos mais gostam relativamente à sua biblioteca - a possibilidade de encontro num ambiente agradável; para os alunos, a biblioteca escolar é um espaço social que potencializa

o trabalho individual ou em grupo, a troca de informação, ideias e conhecimento e o local onde podem confiar na orientação e apoio que lhes é oferecido pela equipe da biblioteca escolar.

A investigação conjunta, baseada na evidência de dados, mostra-nos que as bibliotecas escolares oferecem valor acrescido: contribuem significativamente para a melhoria do sucesso educativo dos alunos.

Uma configuração pertinente sobre a caracterização da biblioteca que se aplica à biblioteca escolar, de acordo com Lemos (1998, p. 350), é que:

Nem toda coleção de livros é uma biblioteca, do mesmo modo que nem toda biblioteca é apenas uma coleção de livros. Para haver uma biblioteca, no sentido de instituição social, é preciso que haja três pré-requisitos: a intencionalidade política e social, o acervo e os meios para sua permanente renovação, o imperativo de organização e sistematização; uma comunidade de usuários, efetivos ou potenciais, com necessidades de informação conhecidas ou pressupostas, e, por último, mas não menos importante, o local, o espaço físico onde se dará o encontro entre os usuários e os serviços da biblioteca. [...] Em geral define-se biblioteca como um acervo de materiais impressos (livros, periódicos, cartazes, mapas, etc.), [...].

Sendo assim o autor citado apresenta uma visão diferenciada da biblioteca escolar; fica visível que, com o passar do tempo, houve uma mudança na forma de pensar a biblioteca escolar tendo um olhar mais abrangente global e nacional. Esse novo olhar fica evidente no discurso apresentado no Manifesto da UNESCO em 1999, em outros órgãos da sociedade civil organizada, e em produções bibliográficas referentes ao tema.

Dessa forma, é necessário estabelecer parâmetros que vão nortear o desenvolvimento e a criação da biblioteca escolar no ideário popular, um local dinâmico que deve proporcionar ao seu usuário possibilidades de acesso a informações em vários formatos e suportes físicos e virtuais.

A biblioteca escolar tem uma função maior na sociedade; além de disponibilizar seu acervo e seu suporte documental, a sua real intenção também se relaciona com a formação do indivíduo, que ele seja capaz de tratar assuntos no âmbito político e social, por meio da disponibilização de serviços de aprendizagem, livros e recursos que permitam a esses usuários refletir, questionar e modificar o meio onde vivem, libertando suas mentes do ciclo vicioso da sociedade pós-moderna, tornando-se pensadores críticos e atuantes no processo decisório.

A biblioteca escolar tem o papel de incentivar esse estudante no processo contínuo de leitura, visando também a utilização e transformação dessa informação apreendida, desenvolvendo nesse local atividades de cunho social e cultural, e proporcionando um elo entre escola, professores e alunos.

No entanto, é necessário o fortalecimento de políticas públicas voltadas para a eficiência e eficácia da biblioteca escolar, mão de obra qualificada para gestão e organização de estrutura física adequada para o bom funcionamento (UNESCO, 1999).

Fica claro que o entrave para a grande revolução na biblioteca escolar ainda é a distorção das ideias e conteúdos da área, pois como podemos demonstrar com as citações sugeridas ao longo do texto, verifica-se em suas entrelinhas o grande potencial que tem a biblioteca escolar como agente transformador da sociedade, tal como retrata também o Manifesto da UNESCO (1999) e outros intelectuais que apontam a direção das novas perspectivas da biblioteca escolar, como Silva em “Miséria da Biblioteca Escolar” (1995) e Macedo em “Biblioteca escolar brasileira em debate: da memória profissional ao fórum virtual”, (2005), dentre outros. Constata-se que existe um conjunto de esforços que estão sendo envidados para mudar a realidade da biblioteca escolar.

Então, qual seria a principal dificuldade para essa revolução? Um dos principais pontos seria a condução das políticas públicas. A amostra desse fato ocorreu em setembro de 2000, quando a Deputada Federal do PT do Rio Grande do Sul, Esther Grossi, tentou promover o Projeto de Lei no 3.549/00 (BRASIL, 2000) que dispunha sobre a universalização das bibliotecas escolares, sem obter êxito quanto à sua aprovação.

O Projeto de Lei, em seus artigos 1º, 2º, 3º e 4º, trata sobre os seguintes pontos:

Art. 1º É da responsabilidade das entidades mantenedoras a criação e a manutenção das bibliotecas escolares em todas as unidades de ensino da federação; Art. 2º Entenda-se como Bibliotecas Escolares a coleção de livros, materiais videográficos e documentos congêneres para estudo, consulta e leitura recreativa, considerando como acervo mínimo, quatro livros por aluno matriculado; Art. 3º Cabe aos sistemas de ensino prever a ampliação deste acervo mínimo conforme cada realidade e divulgar orientação de guarda, preservação, organização e funcionamento das Bibliotecas Escolares; Art. 4º Num prazo máximo de dez anos, a orientação e a supervisão das Bibliotecas Escolares deverá ficar a cargo de Bacharéis de Biblioteconomia, auxiliados por técnicos em Biblioteconomia, designados pelos órgãos de administração dos sistemas de ensino. (BRASIL, 2000).

Assim sendo, entendemos a necessidade de uma mobilização política continuada dos órgãos da Biblioteconomia e profissionais da área, visando concretizar as propostas referentes a novas ações de informação no seio da biblioteca escolar em nível nacional. Somente com uma mudança discursiva, institucional e política, haverá uma transformação exitosa do panorama da biblioteca escolar no Brasil, pois o bibliotecário tem um papel importante na construção de uma sociedade melhor através dos tempos.

2.3 A formação do leitor no ambiente da biblioteca escolar

A história da leitura coloca para o centro do debate o leitor e aponta uma distância entre a durabilidade da escrita, seu aspecto conservador, estável e a efemeridade da leitura, que só ganha significado com o leitor, ou seja, o texto só existe se houver um leitor para lê-lo.

Ao discutir o conceito de leitura, costuma-se partir da etimologia da palavra “ler”, que vem do latim *legere*. Na origem do vocábulo, três interpretações são possíveis. Ler significa soletrar, agrupar letras em sílabas. É uma concepção de leitura em seu aspecto mais restrito. Seu sentido também pode estar relacionado ao ato de colher, de buscar sentidos no interior do texto – que é uma “árvore” de significados e o leitor deve colhê-los. Outra definição aproxima o sentido de “ler” ao de “roubar”. O leitor tem a possibilidade de retirar do texto sentidos ocultos, criando até mesmo significados impensados pelo autor; este apenas escreve e aquele atribui vida ao texto (DARNTON, 1992).

A origem etimológica da palavra se mostra plural, abrindo espaço para muitas leituras. Não causa espanto, portanto, quando outras explicações bastante subjetivas emergem. Vargas (1993, p.9) apresenta um depoimento de Ítalo Calvino sobre o ato de ler bastante interessante:

Tenho certeza de que a leitura não é comparável a nenhum outro meio de aprendizagem e de comunicação, porque ela tem um ritmo que é governado pela vontade do leitor; a leitura abre espaços de interrogação, de meditação e de exame crítico, isto é, de liberdade; a leitura é uma correspondência não

só com o livro, mas também com nosso mundo interior através do mundo que o livro nos abre.

Ler é produzir sentidos, pois obriga o indivíduo a redimensionar o que já está estabelecido, introduzindo seu mundo em novas séries de relações e em um novo modo de perceber o que lhe cerca.

Desde o início de sua vida, o sujeito se constitui enquanto leitor, interagindo com outros sujeitos e com o mundo que o cerca. A leitura do mundo é um ato de compreensão do que se vê ou se sente. Segundo Freire (2006, p. 11):

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.

Independentemente da finalidade, todo texto só passa a existir através da leitura. Antes dela, há somente tinta sobre o papel. As marcas presentes no texto representam o modo de o autor se comunicar com o leitor através das escolhas que faz em seu texto. A partir destas, o leitor apresenta sua compreensão, estabelece relações com objetos e/ou sujeitos. O processo de leitura estabelece uma relação dinâmica que vincula a linguagem à realidade. Neste sentido, a leitura ultrapassa o texto escrito.

Podemos observar que, desde o nascimento, o sujeito realiza uma leitura do mundo que o cerca. Aos poucos, a leitura da palavra começa a fazer parte de suas experiências de leitura. As práticas de leitura do mundo e de leitura da palavra vão se entrelaçando num processo contínuo de comunicação social. As letras, as palavras, os textos são percebidos, experimentados, compreendidos nas relações com outros sujeitos – em relações concretas, com familiares, amigos, professores; e em relações intertextuais com os autores dos textos.

Diante de um texto, o leitor apresenta-se com as leituras (de mundo e de palavras) que se constituíram em sua experiência de vida e confronta-as com as informações que o autor lhe fornece em seu próprio texto. Os sentidos são criados, são produzidos no confronto das relações que são socialmente construídas. Não existe no texto um único sentido que pertence ao autor e do qual o leitor tem de se apropriar. Existem sentidos que são construídos na relação de interlocução, nos dinâmicos processos de construção de sentidos a partir dos elementos presentes no

texto. O leitor conta com seus conhecimentos prévios, pode ir e vir no texto, reler, considerar a partir de elementos inter, intra e extratextuais - linguísticos, textuais e de mundo – que interagem durante todo o processo de leitura.

A leitura é parte de um processo cultural e histórico de desenvolvimento do sujeito que evidencia valores e ideais de uma determinada época e permite um diálogo do sujeito com outros discursos.

Em geral, falar de leitura no meio educacional nos remete ao objeto livro (principalmente, livros técnicos, didáticos, literários), mas a relação com a leitura não implica necessária e unicamente o livro. Atualmente, devido às exigências sociais e à participação dos sujeitos nesta sociedade, a leitura pode ser realizada a partir de suportes diversos e um dos mais comuns tem sido a tela do computador. Além disso, sabemos que muitas coisas podem ser lidas (signos icônicos, gestuais, sonoros), no entanto, o objeto central de investigação para o escopo desse trabalho é a leitura do texto verbal escrito e seus usos sociais, especialmente no espaço escolar.

Na sociedade atual, o domínio da habilidade de leitura tornou-se essencial na vida do cidadão. Decodificar determinados signos passou a ser fundamental até mesmo para se garantir uma sobrevivência digna. Segundo Sant'anna (1996, p. 36) parte-se da:

ideia e que o cidadão só pode potencializar o seu papel na sociedade através da leitura e da informação.(...) Não há país que se tenha desenvolvido sem passar pela leitura. A leitura é responsável pela melhoria de mão de obra. A leitura é responsável pelo aumento de produção. A leitura é responsável pela qualidade de vida. Uma sociedade leitora escolhe melhor o seu destino.

Mas aprender a ler não se resume em dominar parcialmente o código utilizado na escrita, ou seja, ser capaz de decodificar um alfabeto. Ler pressupõe uma atitude diante do objeto a fim de não só decodificá-lo, mas ser capaz de atribuir-lhe significado e ser capaz de compreendê-lo.

Desse modo, aprender a ler assemelha-se a ter acesso a uma chave que possivelmente abrirá as portas de um outro mundo, uma outra experiência. Ler não é decodificar, embora a decodificação seja o primeiro passo para a ocorrência da leitura (DELL'ISOLA, 1988).

Os progressos da alfabetização, maior intensificação da circulação dos livros e a difusão da leitura silenciosa, que estabelece uma relação solitária e íntima entre o leitor e o livro, promoveram alterações na biblioteca e transformaram-na aos poucos no local por excelência da leitura.

Segundo Chartier (1981, p. 32):

Lido em silêncio (ao menos pelas elites), muitas vezes por mais indivíduos e em maior número, inscrito no centro da sociabilidade e da experiência individual (ao menos nos países protestantes), o livro torna-se assim o companheiro privilegiado de uma intimidade inédita. E para os que podem ter uma, a biblioteca constitui doravante o local por excelência do retiro, do estudo e da meditação solitária.

Ao herdar esta característica, a biblioteca escolar incorporou uma função ainda mais representativa, a de incentivar o hábito de leitura e a formação de leitores.

Zilberman (2001, p. 20) ressalta que “nenhum leitor absorve um texto de modo passivo”. Ao contrário, o texto passa a existir diante da invasão do leitor, que lhe confere vida, ao completá-lo com a força de sua imaginação e o poder de sua experiência.

Em função disso, como cada leitor possui imaginação e experiências diversas, os sentidos do escrito sempre se alteram. A leitura não se reduz ao que é lido. O que um leitor já leu, ouviu ou viveu é diferente das vivências dos outros leitores e todas essas experiências constituem o leitor, orientam sua leitura. Esta pode ser compreendida, portanto, como o processo de coprodução de sentido de textos e hipertextos.

Um dos principais focos a ser priorizado no espaço da biblioteca escolar é a educação e a leitura, entendida de forma abrangente. A educação tem caráter permanente. Não há seres educados e não educados, estamos todos nos educando. Existem graus de educação, mas estes não são absolutos (FREIRE, 2001).

Assim, devemos deduzir que a educação também é um processo que excede o caráter curricular e que se desenrola durante toda a vida, transcendendo a escola. As bibliotecas escolares, segundo o Manifesto da UNESCO, têm entre suas missões “apoiar a educação individual e a autoformação, assim como a educação formal a todos os níveis”. Porém, não se deve confundir com a atuação atual de muitas

bibliotecas, vistas como a extensão de sala de aula, tendo a biblioteca escolar como mais um local de formação de leitores.

A educação na biblioteca deve ser considerada de forma larga e de forte cunho político. A educação, qualquer que seja ela, é sempre uma teoria do conhecimento posta em prática, (FREIRE, 2001). Para tal, a biblioteca deve desenvolver uma série de atividades que possibilitem o acesso ao mundo do conhecimento e sua aplicação ao cotidiano do leitor.

Neste contexto de mudança, caberá à biblioteca escolar auxiliar na inserção do leitor no mundo do conhecimento, seja ele analógico ou digital. Um dos principais focos de atuação deve consistir no provimento de competência em informação, necessária para que o leitor possa percorrer as estradas do conhecimento, entendendo não só a beleza dos caminhos, mas também as pavimentando durante a travessia de uma vida.

A biblioteca escolar deve habilitar o leitor para a aprendizagem ao longo da vida, desenvolvendo sua criatividade, preparando-os para viver como cidadãos responsáveis, num centro de aprendizagem permanente.

Essencialmente, o objetivo geral da biblioteca, conforme Macedo (1992, p.43), é [...] “promover a interface entre os usuários e a informação [...], direcionando suas atividades ao cumprimento dos objetivos da instituição”.

Desta forma, a biblioteca deve organizar as coleções (seleção, coleta, representação descritiva e temática e armazenagem), disseminar a informação e orientar seu uso, controlar operacionalmente o sistema de informações do planejamento à avaliação, formando assim o hábito de leitura em muitas pessoas.

Segundo o Manifesto IFLA/UNESCO para Biblioteca Escolar (2002, p.2), um dos principais objetivos da biblioteca escolar é [...] “oferecer oportunidades de vivências destinadas à produção e uso da informação voltada ao conhecimento, à compreensão, imaginação e ao entretenimento [...]. A biblioteca escolar tem funções fundamentais a desempenhar e que podem ser agrupadas em duas categorias, a educativa e a cultural, na função educativa ela representa um reforço à ação do aluno e do professor” [...].

Sendo a escola um espaço de aprendizagem permanente, é preciso usufruir das coisas boas que lá existem e desenvolver suas potencialidades ajudando, assim, a escola a crescer. É dessa interação que estamos falando. Nesse sentido, a biblioteca escolar não deve ser só um espaço de ação pedagógica, servindo como

apoio à construção do conhecimento e de suporte a pesquisas para a formação do hábito de leitura. Deve ser, sim, um espaço perfeito para que todos que nela atuam possam utilizá-la como uma fonte de experiência, exercício da cidadania e formação para toda a vida. É consenso dos educadores que o desempenho escolar flui melhor quando a escola tem uma biblioteca dinâmica que oferece ao seu leitor possibilidades de leitura de mundo.

Segundo o Manifesto da UNESCO (1976, p.158-163) sobre biblioteca escolar: “Biblioteca é a porta de entrada para o conhecimento, fornece as condições básicas para o aprendizado permanente, autonomia das decisões e para o desenvolvimento cultural dos indivíduos e dos grupos sociais”.

Em sua função cultural, a biblioteca de uma escola torna-se complemento da educação formal, ao oferecer múltiplas possibilidades de leitura e, com isso, levar os alunos a ampliar seus conhecimentos e suas ideias acerca do mundo (FRAGOSO, 2002, p.124) A esse respeito, manifesta-se também Campello (2002, p.9):

A escola não pode mais contentar-se em ser apenas transmissora de conhecimentos que, provavelmente, estarão defasados antes mesmo que o aluno termine sua educação formal; tem de promover oportunidades de aprendizagem que deem ao estudante condições de aprender a aprender, permitindo-lhe educar-se durante a vida inteira.

Além disso, de acordo com a UNESCO (2002, p.2), os objetivos próprios da biblioteca escolar devem ser devidamente reconhecidos e mantidos sempre que ela estiver compartilhando instalações e recursos com outros tipos de biblioteca.

Nesse contexto, a reflexão aborda as práticas propostas na biblioteca escolar e permite apreender como a escola concebe a leitura e o seu papel nessa realidade, pois, para Berberian e Calheta (2009, p. 684),

São as agências sociais responsáveis pela alfabetização e letramento, das quais a escola é a principal, mas não a única, que têm contribuído de forma tímida na inserção das crianças em um mundo letrado, já que se parte do entendimento de que o acesso à linguagem escrita está atrelado à inserção e participação cidadã numa sociedade letrada.

A participação cidadã numa sociedade letrada tem na educação o principal meio de revolução social, e para que isso aconteça tem que ser executado de forma descentralizada pelos órgãos locais de administração, até no âmbito da sala de aula, onde aquilo que o professor pode fazer não precisa ser feito pela coordenação da

escola. A autonomia para a ação torna a solução de problemas mais rápida e eficiente, de acordo com as necessidades reais.

A evolução para uma educação centrada do leitor, onde o processo de ensino-aprendizagem busca focar suas estratégias para as habilidades e competências de cada pessoa, é a tendência para este novo século. Dadas as diretrizes da educação superior no Brasil, tanto no âmbito público como no privado, cuja missão principal deve ser formar profissionais de qualidade, produzir ciência e tecnologia, cooperar para o entendimento do homem e do meio em que vive e divulgar conhecimentos culturais, científicos e técnicos, tornando a extensão universitária o grande elo de ligação entre as instituições de ensino e a sociedade, a educação superior pode se tornar uma grande indústria de aprendizagem e conhecimento.

Dados levantados pelo Censo Escolar 2004 (INEP) mostram que, das 53 mil bibliotecas escolares existentes em todo o país, 46 mil (86%) encontram-se em áreas urbanas, sendo que a rede privada concentra o maior número de bibliotecas. A Região Sudeste possui o maior número de bibliotecas escolares (39% do total). Essas estatísticas alarmantes mostram as enormes desigualdades regionais e a desigualdade na distribuição de bens culturais.

As bibliotecas escolares ainda aguardam o momento de seu reconhecimento, quando ocuparão um papel fundamental na organização social. Esta situação já vem ocorrendo em diversos países, através da inclusão das bibliotecas escolares nas políticas públicas voltadas para a formação do cidadão.

Cabe, enfim, ao bibliotecário da biblioteca escolar a importante tarefa de fortalecer seus laços com o cidadão, acolhendo leitores e não leitores, oferecendo acervo preservado e organizado, com acesso local e remoto, promovendo atividades culturais e educativas e, também, oferecendo informações de melhoria do dia a dia, fortalecendo o sentido de pertencimento e abrindo a instituição para as atividades comunitárias. Enfim, participando efetivamente da inclusão do indivíduo na sociedade, através da porta mais nobre, que é o conhecimento.

2.4 Políticas públicas de promoção da leitura e a biblioteca escolar

Uma política pública reflete a vontade de diferentes setores da sociedade em avançar para uma determinada direção e representa uma articulação coerente de medidas para transformar uma situação. Sua eficácia se mede por sua sustentabilidade e sua coerência interna, que faz com que nos distintos setores envolvidos haja repercussão positiva. Uma política pública permite garantir que os problemas não serão crônicos e idênticos aos que sempre existiram (HÖFLING, 2000).

Uma ação pública de incentivo à leitura, como parte da política educacional, tem por princípio proporcionar melhores condições de inserção dos alunos das escolas públicas na cultura letrada, no momento de sua escolarização.

Constitui, ainda, no contexto da sociedade brasileira, uma forma de reverter uma tendência histórica de restrição do acesso aos livros e à leitura, como bem cultural privilegiado, a limitadas parcelas da população.

A instituição Ministério da Educação (MEC) tem papel na política de formação de leitores, atua sobre a democratização das fontes de informação, sobre o fomento à leitura e à formação de alunos e professores leitores.

As primeiras ações voltadas para a biblioteca escolar e para o incentivo à leitura e a formação de leitores, como o Programa Salas de Leitura, tiveram início nos anos oitenta. Em 1997, foi instituído o Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE, por meio do qual vêm sendo distribuídos, em formatos de atendimento variados, acervos às bibliotecas e a alunos e professores das escolas públicas do ensino fundamental. O modelo de intervenção adotado vem historicamente privilegiando um único aspecto que compõe uma política de formação de leitores: a compra e a distribuição de livros às escolas e aos alunos.

O Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL) foi apresentado pelos ministros da Cultura e da Educação, no dia 13 de maio de 2006, no encerramento do FÓRUM – PNLL/Vivaleitura 2006/2008. No documento apresentado, é dito que o PNLL, (2006, p.5).

[...] é uma ação liderada pelo governo federal para converter esse tema em política pública mediante a concentração e articulação dos esforços desenvolvidos pelos diversos atores sociais: Estado, universidade, setor

privado e demais organizações da sociedade civil que formam o chamado terceiro setor. Tem como objetivo central melhorar a realidade da leitura no país e, por isso, é construído e se desenvolve por meio de um processo que transcende a imediatez.

O PNLL, regido pela lei de nº 10.753, de 30 de outubro de 2003, foi consolidado em 2006 como um parâmetro para as políticas públicas de livro, leitura, biblioteca e literatura no Brasil.

O plano é organizado por meio de diretrizes que norteiam e garantem organicidade aos programas a ele associados. Essas diretrizes são apresentadas sob a forma de quatro eixos, os quais envolvem a sociedade civil e diferentes instâncias voltadas à promoção da leitura.

O primeiro eixo propõe ações que visam à democratização do acesso ao livro, com a implantação de novas bibliotecas municipais e escolares, fortalecimento da rede atual de bibliotecas, conquistas de novos espaços de leitura, distribuição de livros gratuitos e uso de tecnologias de informação e comunicação.

O segundo apresenta questões relativas ao fomento à leitura e à formação de mediadores por meio de projetos sociais de leitura, além de estudos e pesquisas nas áreas do livro e da leitura, inclusive envolvendo sistemas de informação nas áreas de bibliotecas, da bibliografia e do mercado editorial, prêmios e reconhecimento às ações de incentivo às práticas sociais de leitura.

O terceiro enfatiza a valorização de leitura e comunicação com ações que visam à consciência sobre o valor social do livro e da leitura, ações para converter o fomento às práticas sociais da leitura em política de Estado, publicações impressas e outras mídias dedicadas à leitura.

O quarto e último eixo faz referência ao desenvolvimento da economia do livro, com ações que promovam a ampliação de sua cadeia produtiva, fomento à distribuição, circulação e consumo de bens de leitura, apoio à cadeia criativa do livro, maior presença no exterior da produção nacional literária, científica e cultural editada.

A história brasileira sobre as relações do livro e da leitura já marca um largo tempo de existência. De modo geral, fez-se pela ação de distribuição de livros, e pouco pela formação de leitores, como ação intencional a ser perseguida nos sistemas públicos de ensino. A cronologia apresentada tomou por base Maciel (2010), estimulada a constituí-la para a formação de gestores de Comitês do

Programa Nacional de Incentivo à Leitura (Proler), em outubro de 2009, quando da formação de formadores no âmbito de projeto contemplado com o financiamento do Mais Cultura, do Ministério da Cultura (MinC), com vistas a problematizar o papel de gestores de redes sociais de leitura, diante de políticas e programas públicos existentes. Esse material, posteriormente, foi incluído em Folha Proler, periódico publicado pela Casa da Leitura, vinculada, como o Programa, à Fundação Biblioteca Nacional.

A Lei 12.244/10, que busca universalizar as bibliotecas escolares no Brasil, foi aprovada no dia 24 de maio de 2010, com vigência a partir de sua publicação, no Diário Oficial da União, em 25 de maio. (BRASIL, 2000).

No artigo segundo da Lei 12.244/10 (BRASIL, 2010), é apresentado o conceito de biblioteca escolar, ou seja: “[...] a coleção de livros, materiais videográficos e documentos registrados em qualquer suporte destinados à consulta, pesquisa, estudo ou leitura”.

Na referida Lei, esse conceito se assemelha àqueles estabelecidos por estudiosos e aos apresentados em documentos institucionais, como, por exemplo, o Manifesto da UNESCO/IFLA para Biblioteca Escolar (1999), mostrando que a diversidade de suportes documentais é compreendida como fundamental para a formação da biblioteca.

Porém, além dos suportes documentais, outros atributos devem ser marcas da biblioteca escolar como meio para qualificar os serviços de acesso à informação, dentre os quais podem ser citados: política de desenvolvimento de coleções (acervo) e os processos organizacionais da coleção, como forma de torná-la acessível aos usuários.

3 METODOLOGIA

A pesquisa quali quantitativa está diretamente relacionada a fatores que seguem metodologias sistematizadas no alcance de um problema ainda não resolvido ou resolvível. É resolver problemas, mas com atenção à ética.

Ao analisar seu objeto de estudo, o pesquisador é influenciado por uma estrutura referencial tomada como inquestionável. Trata-se do conjunto de crenças e valores que norteiam o pesquisador, exercendo influência na interpretação da realidade vivenciada (FLICK, 2009).

Refletir sobre adoção da metodologia de pesquisa para a concretização de um trabalho implica pensar nos procedimentos e conjunto de técnicas que nortearão o caminho a ser percorrido pelo pesquisador. A metodologia deve dispor de um instrumental claro, coerente, elaborado, capaz de encaminhar os impasses teóricos para os desafios da prática (FLICK, 2009). Desse modo, a escolha da metodologia representa um momento importante no processo da pesquisa.

3.1 Tipo de pesquisa

O tipo de pesquisa escolhido para conduzir o estudo foi a quali quantitativa, pois encontra-se em um processo contínuo de propagação, com o surgimento de novas abordagens e métodos, e vem sendo adotada como parte essencial para o entendimento do objeto de estudo aqui proposto.

Esse perfil da pesquisa não é mais definido por eliminação, mas ela contém várias características específicas. Nesse sentido, segundo Flick (2009, p.16), a pesquisa qualitativa “usa o texto como material empírico (ao invés de números) parte da noção da construção social das realidades em estudo, está interessada nas perspectivas dos participantes, em suas práticas do dia a dia e em seu conhecimento cotidiano em relação ao estudo.”

Para a sistematização dos dados coletados, será utilizado o método quali quantitativo, que se caracteriza pela atuação nos níveis de realidade e apresenta como objetivo a identificação e apresentação das informações, e tendências observáveis. O método quantitativo reduz as chances de erros no

processo de análise das informações, pois possibilita que o pesquisador tenha a precisão das informações (FLICK, 2009), e o qualitativo aumenta a possibilidade de compreensão sobre o objeto.

Dessa forma, o procedimento é capaz de proporcionar melhor compreensão aos fenômenos pesquisados. Flick (2009, p.23) aponta uma lista preliminar de aspectos da pesquisa qualitativa:

- Apropriabilidade de métodos e teorias.
- Perspectivas dos participantes e sua diversidade.
- Reflexividade do pesquisador e da pesquisa.
- Variedade de abordagens e de métodos na pesquisa qualitativa.
- Abordagens de pontos de vista subjetivos.
- Descrição da produção de situações sociais.

Sendo assim, a escolha pela pesquisa qualiquantitativa se dá pelo fato de que a pesquisa tem como objetivo analisar de que maneira as bibliotecas escolares estaduais públicas contribuem para a formação do hábito de leitura dos estudantes do ensino médio, além de compreender a importância da biblioteca escolar nesse processo de formação. A análise dos resultados acontece, principalmente, com base na interpretação dos fatos. Assim, a escolha pela pesquisa qualiquantitativa foi direcionada pelas considerações do autor Uwe Flick, no livro *Introdução à Pesquisa Qualitativa*, para quem a pesquisa pode conduzir-se em direção a uma aplicação holística e a uma abordagem natural para a resolução de um problema de forma mais direta.

A opção pela pesquisa qualiquantitativa é sustentada pelos pressupostos apresentados nessa dissertação; leva-se a entender que não se utiliza exclusivamente de livros e documentos. Este trabalho envolve pessoas, na intenção de gerar conhecimento. E, assim, para mediar o processo da relação dos sujeitos com o espaço, a biblioteca escolar é necessariamente pesquisada na sua particularidade, entendendo a sua dinâmica e os seus significados.

A pesquisa quer identificar os processos de formação do hábito de leitura do estudante desenvolvido pela biblioteca escolar, além de descrever os procedimentos utilizados pelos professores na atuação do processo de incentivo à leitura.

O caminho metodológico começa com o levantamento bibliográfico, ou pesquisa bibliográfica, que reúne a literatura de apoio ao tema, permitindo aprofundar aspectos importantes ao citado objeto de estudo. A pesquisa bibliográfica consiste no exame de produção registrada em livros, artigos, documentos, não sendo necessariamente aquela que reporta todas as pesquisas e revisões já publicadas sobre o tema, mas, sim, que consegue resumir e incluir as publicações realmente importantes (MINAYO, 2010). Conclui-se que a pesquisa bibliográfica ou levantamento bibliográfico caracteriza-se como uma documentação indireta, constituindo-se em coletar dados de fontes secundárias. Contudo, para o levantamento e análise sobre o tema, busca-se precursores que enriquecem o tema em questão.

A pesquisa bibliográfica garante que a informação seja registrada diretamente pelo pesquisador, e o mesmo deve estar sempre preocupado com as novas temáticas discutidas na área, assim como se atualizar e acompanhar os avanços de um determinado assunto. A leitura iniciada com o propósito de coletar material para resolver determinado problema deve ser criteriosa e seletiva. Diante da impossibilidade de trazer uma literatura exaustiva sobre o tema, fez-se a opção de selecionar as obras que são importantes, por meio de uma leitura exploratória, seletiva, analítica e interpretativa (MINAYO, 2010).

Dando início à organização da revisão de literatura foi feito, no primeiro momento, leitura exploratória e seletiva, para definir qual material seria utilizado na pesquisa; em seguida, a leitura analítica para analisar, de fato, qual material era pertinente à pesquisa, e em seguida a leitura intensiva, com intuito de trazer apenas o que é de essencial para o estudo, sendo feita com poucos livros, que eram absorvidos de maneira reverencial e respeitosa e ofereceram margem para novas interpretações e aprofundamento do conhecimento, além da leitura extensiva, que implica o consumo de muitos textos.

Essa atividade é muito delicada, pois como bem se afirma, é quando um simples ato profissional define o universo de informações as quais um grupo de usuários terá acesso. Após o processo de leitura das informações selecionadas para o estudo e utilizadas como referência, determina-se os pilares da pesquisa nas seguintes categorias:

- O Olhar sobre a Biblioteca: Elaborar um histórico, compreendendo o espaço da biblioteca escolar no contexto histórico do Brasil e estabelecendo a caracterização da biblioteca escolar.
- Presença Humana na Biblioteca: estabelecer a interação professor e aluno no processo de formação do hábito de leitura, tendo a biblioteca escolar como suporte para essa formação do hábito de leitura.
- Políticas Públicas para a Biblioteca: Identificar as políticas públicas de promoção da leitura para a biblioteca escolar.

Nesse sentido, reforça-se o objetivo da pesquisa bibliográfica: conhecer e analisar as principais contribuições teóricas existentes sobre um determinado tema ou problema, tornando-se instrumento indispensável a qualquer tipo de pesquisa (MINAYO, 2010).

Quanto aos meios, a pesquisa é bibliográfica, utiliza-se de material escrito e em meio virtual já tornado público em relação ao tema de estudo; no entanto, nessa pesquisa serão utilizadas apenas fontes escritas, impressas e virtuais.

3.2 Amostragem

A amostragem é usada em várias fases da pesquisa e a escolha do processo está relacionada com cada uma dessas etapas. É necessário escolher a estratégia de amostragem na coleta de dados, nos dados que serão utilizados e, ainda, na interpretação dos dados. A escolha pela estratégia de amostragem busca contemplar o campo de pesquisa de uma maneira mais ampla, a fim de realizar as análises com a maior profundidade possível. Logo, esta decisão deve ser tomada buscando o instrumento que irá fornecer a maior riqueza de informações relevantes para a investigação desejada. Segundo, Flick (2009, p. 117) “apresenta diversas estratégias de seleção, como a amostragem completa, a amostragem teórica, de caso típico, de conveniência, entre outros”.

A amostragem pode ser usada em várias fases da pesquisa, variando a técnica de escolha, de acordo com o momento da pesquisa. Em nossa pesquisa, a amostragem se deu da seguinte forma.

O local da pesquisa será as bibliotecas escolares estaduais de Itamaraju/Bahia. Foi feita uma pesquisa de campo nas escolas estaduais de Itamaraju para diagnosticar a situação e a importância dessas bibliotecas, o universo da pesquisa traçado, que vai abranger: alunos e professores.

A educação escolar de Itamaraju apresenta os seguintes dados: possui 118 escolas, sendo divididas entre Escolas Municipais (94), Escolas Estaduais (9) e Escolas privadas (15), sendo que 59% possuem bibliotecas e o número de alunos matriculados em toda a rede é de 19.689. (CENSO ESCOLAR, 2013).

A principal linha de investigação da pesquisa centra-se na interface educacional, tendo como eixo de sustentação as bibliotecas escolares estaduais como parte integrante no processo de formação educacional do indivíduo e, especificamente, no campo a ser investigado.

O mapeamento das bibliotecas escolares no município de Itamaraju tem a finalidade de identificar inicialmente a quantidade de Colégios com bibliotecas, sendo assim, foram mapeadas nove bibliotecas.

O objetivo do mapeamento é permitir visualizar os processos atuais e futuros de uma organização. Dessa forma, o mapeamento é o levantamento dos dados necessários à compreensão do estudo. Para o apoio às atividades de mapeamento, podem ser utilizadas várias técnicas de levantamento de dados como a observação, entrevista, análise de documentação e de *softwares*. Após visitar as instalações físicas dos colégios, foram selecionadas duas bibliotecas escolares que apresentavam as seguintes características, com base em Silva (2009, p. 115), no artigo “Biblioteca escolar: organização e funcionamento”, que propõe que a biblioteca seja um local confortável, com iluminação e ventilação adequadas, área disponível de pelo menos 1,2 m² por aluno e com o máximo de acessibilidade possível (rampas de acesso, piso antiderrapante etc.).

Dessa forma, a escolha da biblioteca escolar teve ainda como base outras características apontadas por Pereira (2006, p. 9-11):

O espaço da biblioteca deve ser basicamente seco, arejado e bem iluminado, para evitar danificar as obras e facilitar a leitura, além de criar um ambiente mais confortável. O material deve ficar exposto em estantes, longe de portas e de janelas (para evitar chuva, sol, vento). Além disso, as estantes, que podem ser de madeira ou alumínio, devem ser vazadas para ventilar e ficar a pelo menos 30 centímetros do chão para evitar umidade e garantir a limpeza do piso. Em termos de acessibilidade, é importante que as estantes sejam coerentes com a altura dos alunos e que os alunos conheçam os critérios de organização do acervo e as regras da biblioteca. A

sala de leitura (em oposição à sala onde estão acondicionadas as obras) deve ter mesas, cadeiras, almofadas, bancos, para os leitores ficarem melhor acomodados.

A qualidade e a diversidade dos materiais que compõem o acervo são as primeiras características biblioteconômicas exigidas para uma biblioteca escolar. Contudo, na visita de campo, ficou constatado que apenas duas escolas apresentavam características de uma biblioteca escolar, sendo que as outras escolas disponibilizavam uma sala de leitura com livros para seus alunos, funcionando apenas como depósito de livros.

O Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães é um colégio estadual urbano, com aproximadamente 500 alunos (do ensino médio), de classe média e baixa, localizado na Rua Irmão Andrada, 1635, bairro: Jaqueira, Itamaraju - BA CEP: 45836-000. Segundo dados do Censo 2012, sua infraestrutura possui: Água filtrada; água da rede pública; energia da rede pública; esgoto da rede pública; lixo destinado à coleta periódica; acesso à Internet banda larga. As dependências do colégio são divididas em: 27 salas de aula; sala de diretoria; sala de professores; Laboratório de informática; laboratório de ciências; quadra de esportes descoberta; cozinha; biblioteca; banheiro fora do prédio; banheiro dentro do prédio; banheiro adequado aos alunos com deficiência ou mobilidade reduzida; dependências e vias adequadas a alunos com deficiência ou mobilidade reduzida; sala de secretaria. Os equipamentos disponíveis para utilização dos professores e alunos são: TV; DVD; copiadora; retroprojetor; impressora; projetor multimídia (*datashow*); fax.

O Colégio Estadual Polivalente de Itamaraju possui aproximadamente 600 alunos (do ensino médio), de classe média e baixa, localizado na Rua Rua Chile, 47, Centro, Itamaraju - BA CEP: 45836-000. Segundo dados do Censo 2012, sua infraestrutura possui: Água filtrada; água da rede pública; energia da rede pública; esgoto da rede pública; lixo destinado à coleta periódica; acesso à Internet banda larga. As dependências do colégio são divididas em: 13 salas de aula; sala de diretoria; sala de professores; laboratório de informática; laboratório de ciências; quadra de esportes descoberta; cozinha; biblioteca; banheiro fora do prédio; banheiro dentro do prédio; banheiro adequado aos alunos com deficiência ou mobilidade reduzida; dependências e vias adequadas a alunos com deficiência ou mobilidade reduzida; sala de secretaria. Os equipamentos disponíveis para utilização

dos professores e alunos são: TV; DVD; copiadora; retroprojeter; impressora; projetor multimídia (*datashow*); fax.

3.3 Técnica para coleta dos dados

Um dos aspectos essenciais da pesquisa quali-quantitativa consiste, de acordo com Flick (2009, p. 141), na escolha adequada de métodos “[...]são muitas as técnicas de coleta e análise de dados em uma abordagem quali-quantitativa e, entre eles, a entrevista tem lugar de destaque neste trabalho”.

A entrevista é uma das diversas formas de abordagem técnica do trabalho de campo numa pesquisa quali-quantitativa; além disso, é um instrumento que oferece ao pesquisador contato direto com os integrantes do público-alvo da pesquisa. Dessa maneira, a entrevista possibilita abranger o problema investigado em suas múltiplas dimensões.

A entrevista não significa uma conversa despreziosa e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos entrevistados, como sujeitos-objeto da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada (FLICK, 2009).

Foi utilizada como técnica para coleta de dados a entrevista individual semiestruturada. Este método de coleta de dados combina perguntas fechadas e abertas, podendo o entrevistado discorrer sobre o tema proposto, sem respostas ou condições prefixadas pelo pesquisador (FLICK, 2009).

O instrumento de coletas de dados, inicialmente, apresenta tópicos referentes à identificação dos pesquisados e, na sequência, apresenta informações sobre o hábito de leitura dos pesquisados – nesse caso, os alunos e professores dos colégios Modelo e Polivalente –, podendo ser visualizado no apêndice (A e B) da pesquisa.

Ressalta-se que esta técnica possibilita inserir outras questões durante a coleta, condicionada à interação do pesquisador, do sujeito e das respostas deste último. São várias as vantagens da entrevista: aprofundar respostas, acompanhar ideias e investigar motivos e sentimentos.

A entrevista foi guiada por um roteiro semiestruturado. A realização das entrevistas se dará na própria escola, em um espaço que garanta a privacidade dos mesmos e sigilo das informações, sendo condicionada à sua autorização, através da assinatura do termo de consentimento, previamente esclarecido junto aos colaboradores pelo pesquisador.

As duas escolas escolhidas para o estudo foram o Colégio Estadual Luís Eduardo Magalhães (Modelo), tendo um número de quarenta e cinco funcionários trabalhando e quatrocentos e trinta e três alunos matriculados, e o Colégio Estadual Polivalente, tendo um número de quarenta e cinco funcionários trabalhando e quinhentos e cinquenta e seis alunos matriculados (CENSO ESCOLAR, 2013). Será realizado questionário para cada turma da escola; o mapeamento de turmas das escolas resultou em um montante de 22 turmas do ensino médio, sendo divididas em: 1º ano com nove turmas, 2º ano com sete turmas, e o 3º ano com seis turmas, e serão selecionados vinte professores, sendo divididos em dez professores por escola. Será realizada uma análise da estrutura física da biblioteca escolar, observando-se todo o funcionamento, e serão tiradas fotos para registrar o estado da biblioteca escolar.

3.4 Análise dos dados

A análise de dados foi realizada pela técnica da análise de conteúdo; após a coleta de dados que foi efetuada nos meses de setembro e outubro de 2014, foi analisada cada entrevista realizada com os alunos e professores. As respostas coletadas foram interpretadas e confrontadas com o referencial teórico utilizado na pesquisa.

Há diferentes técnicas que podem ser utilizadas na execução de pesquisas diferenciadas, mas a análise de conteúdo consiste numa técnica de análise de dados que vem sendo utilizada com frequência nas pesquisas qualitativas no campo da administração, assim como na psicologia, na ciência política, na educação, na publicidade e, principalmente, na sociologia.

Na realidade, a pesquisa qualiquantitativa é recente e ocorreu concomitantemente em diversas áreas, tendo-se cada uma delas caracterizado por

um embasamento teórico específico, por conceitos de realidade específicos e por seus próprios programas metodológicos.

Sendo assim, Flick (2009, p. 291) afirma que a análise de conteúdo “é um dos procedimentos clássicos para analisar o material textual, não importando qual a origem desse material”. Existem diversas formas de documentação do material coletado, na maioria das vezes constituindo-se de material textual: notas de campo, diário de pesquisa, fichas de documentação, transcrição, entrevista semiestruturada etc.

Entretanto, o material também pode ser documentado por meio de fotos, filmes, áudios e outros, pois todas as formas de documentação têm relevância no processo de pesquisa, possibilitando uma adequada análise.

Por fim, como afirma Flick (2009, p. 276), “a interpretação de dados é a essência da pesquisa, embora sua importância seja vista de forma diferenciada nas diversas abordagens”.

Assim, a análise dos dados foi realizada da seguinte forma: inicialmente organizaremos o material coletado por meio da entrevista semiestruturada, norteados por um roteiro de entrevista com questões abertas e fechadas. Na sequência, será feita uma leitura de forma mais aprofundada do material coletado, com vistas a registrar impressões sobre o material textual.

4 ANÁLISES E DISCUSSÃO DOS DADOS

4.1 Caracterização dos alunos dos Colégios Modelo e Polivalente

Para o desenvolvimento da pesquisa foram caracterizados os alunos dos colégios e analisados os dados obtidos durante a realização da pesquisa.

A tabela 1 identifica a amostra dos alunos que participaram da pesquisa, trazendo informações sobre o Colégio, idade dos alunos e série em que estuda. A pesquisa foi realizada no período de setembro a outubro do ano de 2014.

Variáveis	Nível	Frequência	%
Colégio	Modelo	15	50,0
	Polivalente	15	50,0
Total		30	
Idade	15 anos	8	26,7
	16 anos	10	33,3
	17 anos	6	20,0
	18 anos	5	16,7
	19 anos	1	3,3
Total		30	
Série	1 ano	9	30,0
	2 ano	11	36,7
	3 ano	10	33,3
Total		30	

Tabela 1: Identificação do perfil do aluno.

Foram entrevistados 30 (trinta) alunos, sendo distribuídos em 15 (quinze) do Colégio Modelo e 15 (quinze) do Colégio Polivalente, com idades variadas entre quinze e dezenove anos. Em relação à série, foram escolhidos para participar da pesquisa os alunos do primeiro, segundo e terceiro anos do ensino médio, os quais aceitaram responder à pesquisa.

A amostra inicial da pesquisa era composta de 22 (vinte e duas) turmas do ensino médio, mas houve dificuldade em coletar os dados. Inicialmente, aceitaram fazer a pesquisa apenas 30 (trinta) alunos, mostrando inicialmente a falta de interesse em participar da pesquisa, pois muitos tinham receio em participar, mesmo com a orientação inicial do pesquisador e, ainda assim, alguns não apresentaram

um motivo claro para não participar, alegando apenas que não queriam expor suas ideias.

4.2 Percepção dos alunos dos Colégios Modelo e Polivalente sobre o hábito de leitura

As informações apresentadas na tabela 2 buscam demonstrar a relação que os alunos têm com a leitura. Assim, foi solicitado aos alunos que respondessem se eles gostam de ler e o porquê, e 100% dos alunos responderam de forma positiva, além de alguns ainda relatarem a importância da leitura em suas vidas.

Você gosta de ler? Por quê?	
Respostas dos alunos:	
Colégio Modelo	Colégio Polivalente
1 Sim, pois a leitura é um dos melhores meios para ter conhecimento	1 Sim
2 Sim, porque nos leva a outra realidade	2 Sim, para buscar conhecimento
3 Sim, pois é através da leitura que eu obtenho conhecimento	3 Sim, porque proporciona momentos de paz, diversão e êxtase
4 Notícias, me manter informado e aprimorar meus conhecimentos	4 Sim, porque os livros me permitem viajar sem que seja necessário sair do lugar
5 Sim, pois me dá um sentimento de liberdade	5 Sim
6 Às vezes, porque não é sempre que tenho tempo	6 Sim, porque a mente fica melhor
7 Sim, pois a leitura pode nos levar para vários lugares, mas sem sair de onde você está	7 Sim, para ficar bem informado
8 Sim, leitura desperta nossa imaginação e nos transmite um prazer que nos faz ir a lugares extraordinários	8 Sim, porque proporciona um novo conhecimento
9 Sim, porque eu viajo a vários lugares a várias épocas, me aventuro e também me emociono	9 Sim
10 Sim, porque quando leio viajo com o personagem	10 Sim, acho muito importante para o aprendizado
11 Um pouco, porque tenho preguiça	11 Mais ou menos, porque não tenho muito hábito de ler
12 Sim, estimula o nosso sentimento, ajuda a mudar nosso humor do dia a dia	12 Sim, porque ajuda nosso conhecimento
13 Sim, porque me sinto alegre	13 Sim
14 Sim, ao ler, os seus conhecimentos melhoram	14 Sim, porque me diverte
15 Sim, pois me dá um sentimento de liberdade	15 Sim porque é bom para poder praticar e saber mais, pois alguns livros também são bons para passar informações

Tabela 2: Gosto pela leitura

O ato de ler não é decifrar, como um jogo de adivinhações, o sentido de um texto, é ser capaz de atribuir-lhe significado (LAJOLO, 1997). Sendo assim, conseguir relacioná-lo a outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que o autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a essa leitura, ou rebelar-se contra ela.

Fica perceptivo que os alunos respondem afirmativamente, e de modo sucinto às questões. E a maioria diz claramente sobre quanto é fundamental a leitura, como verificamos nas respostas dos alunos dos colégios Modelo e Polivalente, o (aluno 8 Colégio Modelo) afirma que “Sim, leitura desperta nossa imaginação e nos transmite um prazer que nos faz ir a lugares extraordinários”, e o (aluno 15 Colégio Polivalente) destaca que “Sim, porque é bom para poder praticar e saber mais, pois alguns livros também são bons para passar informações”; outros alunos ficam em dúvida e apenas fazem uma indicação positiva da leitura.

Nessa resposta constata-se também que os alunos têm uma ideia clara sobre a importância da leitura para sua formação, e que a leitura desperta neles também algo lúdico e excitante; porém, a leitura não é vista apenas como algo punitivo, mas que pode trazer conhecimento e sabedoria.

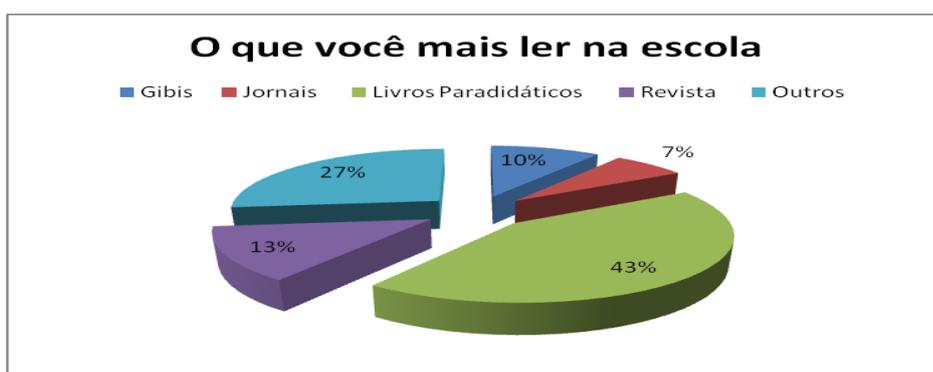


Gráfico 1: Tipo de suporte informacional mais utilizado

O gráfico 1 apresenta a questão sobre o que os alunos mais leem na escola; destaca-se que 43% dos alunos responderam que utilizam livros paradidáticos como suporte para leitura no colégio, ficando evidente que a utilização desse material é por obrigação escolar. Sendo assim, acaba não despertando o gosto pela leitura, pois outro dado significativo que comprova essa premissa é que 27% dos alunos tem a preferência por outro tipo de leitura, tais como livros de romance, ficção e

aventura, e os outros 30% estão divididos entre gibis, jornais e revistas, totalizando um montante de 57% que fazem leitura diferenciada, não apenas com os livros paradidáticos.

Na tabela 3 foi solicitado aos alunos que respondessem ao que eles mais gostam de ler. De modo geral, as respostas foram objetivas e sucintas, mas revelaram uma tendência moderada para os livros do gênero romance, o que se torna perceptivo no discurso do (aluno 2 do Colégio Modelo), o qual relata que “Romance, ficção e biografias. Identifico-me e me chama mais atenção viajar em histórias e conhecer a vida de pessoas incríveis”.

O que você mais gosta de ler?	
Respostas dos alunos:	
Colégio	
Modelo	Polivalente
1 Livros de misticismo. Acho legal	1 Romance, sempre me identifiquei
2 Romance	2 Romance
3 Romance, ficção e biografias. Identifico-me e me chama mais atenção viajar em histórias e conhecer a vida de pessoas incríveis	3 Romance
4 Romances, sempre me identifiquei	4 Romance, porque são legais
5 Livros de ficção me fazem viajar na história	5 Histórias em quadrinhos, porque é interessante
6 Literatura clássica, romance, aventura. Porque desperta minha curiosidade e interesse	6 Porque faz rir, distrair
7 Ação e suspense, porque me prende mais ao livro	7 Notícias, para ficar atualizado
8 Obras literárias que retratam aventuras, romances, suspense	8 Livro de romance
9 Romance, porque fala de vários casais que passam por várias dificuldades para serem felizes juntos	9 Livro de romance
10 Ficção, ação, romance, porque amo sentir medo e amor	10 Qualquer tipo de livro acha bom
11 Livros de ação	11 Romance, porque é o que mais me interage
12 São mais interessantes, ajuda a estimular o nosso humor	12 Livros românticos, porque mostram ser interessantes
13 Livros de ação e aventura, porque são ótimos	13 Gosto de ler livros de ação e romance
14 Livros de Sidney Sheldon, porque são interessantes	14 Ficção, porque prefiro me divertir mais
15 Livros de ficção me fazem viajar na história	15 Livro de mistério, porque acho interessante e me deixa curioso para poder terminar de ler o restante do livro

Tabela 3: Percepção da leitura pelos alunos

Os resultados mostram que os estudantes gostam mais de ler livros, e dentro dessa categoria, a preferência é pelo gênero literário romance, seguido pelos livros de ficção e pelos romances *best-sellers* de aventura. Diante desses resultados, verifica-se que, ao contrário do que os professores costumam afirmar, os adolescentes gostam de ler livros, entretanto, a discordância entre esses dois sujeitos pode estar no tipo de livro que é solicitado pelo professor e aqueles que são preferidos pelos alunos.

Sendo assim, depreende-se que a maioria dos alunos se identifica com esse tipo de gênero, alegando que as histórias retratadas nos romances acabam levando-os para outra realidade.

Acerca da preferência de leitura dos alunos, ficou evidente que eles apresentam gosto diversificado, mas ainda há uma tendência forte pelo gênero romance, e isso fica claro em 70% das respostas apresentadas na tabela 4, abaixo.

Cite o que você tem lido ultimamente (livros, revistas, etc.).	
Respostas dos alunos:	
Colégio	
Modelo	Polivalente
1 Quarto de despejo; A vida por um fio; Agora estou sozinha	1 Veja; A culpa é das estrelas
2 Livros e algumas revistas	2 Livro de Jorge Amado, Dona flor e seus dois maridos
3 Antes que o mundo acabe; A batalha do apocalipse; Revista do Guia do Estudante	3 Sidney Sheldon, Os imortais; A culpa é das estrelas
4 Veja; a culpa é das estrelas.	4 À primeira vista e A escolha
5 Livros, revistas e jornais	5 Livro, As crônicas de Nárnia
6 Livros e matérias tecnológicos, além de atualidades	6 Revista
7 Livros do John Green	7 Notícias da internet
8 Perfume, vida de drogas	8 Jornais, livros Conte-me seus sonhos e A culpa é das estrelas
9 Romance de Sabrina agora está sozinha e agora mãe, revista de horóscopo	9 O livro A culpa é das estrelas
10 Sagas, romance e ficção.	10 Livro
11 Não nascemos prontos	11 Revista
12 Livros, revistas e gibis	12 Românticos
13 Livros, gibis	13 The walking dead, Jogando xadrez com os anjos, escondendo Edith, O vencedor de sonhos, Romeu e Julieta, O diário de um banana
14 Revista Veja	14 O livro do dia
15 Não	15 Código da Vinci, Cidade de ossos, Diários de um vampiro

Tabela 4: Preferência de leitura

Os resultados apontados pelos alunos na tabela 4 revelam que a maioria dos livros citados pelos nossos alunos como os “preferidos” não são considerados clássicos, pelo contrário, são livros que raramente são lidos ou pedidos na escola.

Todavia, sabemos que a leitura de clássicos de nossa literatura é essencial para a formação de nossos alunos; entretanto, pode-se questionar e pesquisar em estudos posteriores se esses alunos que chegaram ao Ensino Médio tiveram preparo nas séries anteriores para realizar essas leituras.

Foi verificado no estudo que é muito válido ouvir o que os alunos têm a dizer, pois a partir disso pode-se começar a pensar em possíveis mudanças nas estratégias de ensino da leitura, já que todos sabem que tornar um aluno leitor não só os ajuda a ter mais vocabulário e a melhorar a escrita, como também contribui para aumentar sua capacidade crítica, acarretando uma melhora nas outras disciplinas escolares.

Observa-se, ainda, que os alunos não se sentem obrigados a fazer esse tipo de leitura, pois para atrair o indivíduo para o mundo da leitura, não se deve exigí-la como uma obrigação; antes, é preciso abordar as diversas formas de ler, colocar sua importância e seu objetivo para o leitor.

Quando a leitura é obrigatória, o que é uma prática muito comum nas escolas, isso desestimula a busca, a criatividade, a curiosidade literária, principalmente quando são cobrados dos alunos fichamentos das leituras, de forma muito rigorosa (LEAHY, 2006), pois através da leitura é que podemos transmitir nossa cultura e formar grandes cidadãos.

Na tabela 5 foi questionado aos alunos se eles têm aulas de leitura na escola e 53% dos alunos afirmaram que não têm aulas que desenvolvam a leitura; 37% responderam que sim e, 10%, às vezes. O resultado é preocupante, pois os alunos deixam de aprender algo fundamental para sua formação e acabam saindo da escola sem saber ler e interpretar um texto.

Ficou claro que para muitos alunos a leitura acaba sendo uma experiência traumática, pois da forma com que as aulas de leitura são desenvolvidas na escola, o aluno acaba criando barreiras de aprendizagem, o que fica evidente no relato do estudante do (Aluno 1. Colégio Polivalente) “Sim, às vezes chatas, outras bem dinâmicas”, e do (Aluno 4. Colégio Modelo) “Sim, chatas e sem graça”.

Você tem aulas de leitura? Como são?	
Respostas dos alunos:	
Colégio	
Modelo	Polivalente
1 Às vezes, são empregadas juntamente com as aulas de língua portuguesa. Para mim, são legais	1 Sim, às vezes chatas, outras bem dinâmicas
2 Sim, boas	2 Sim
3 Não tenho	3 Não tenho
4 Sim, chatas e sem graça	4 Não tenho
5 Não tenho	5 Não tenho
6 Não tenho	6 Sim, boas, todos da sala participam.
7 Não tenho	7 Sim, bastante interpretação e construção de texto
8 Não tenho	8 Não muito
9 Sim, interessante, pois a professora pede para viver os personagens	9 Sim, são ótimas
10 Sim, legais	10 Não tenho
11 Às vezes legais	11 Não tenho
12 Sim, são ótimas porque ajudam a desenvolver mais nosso aprendizado	12 Não tenho
13 Sim, são boas	13 Às vezes
14 Sim, infelizmente poucos participam	14 Não tenho
15 Não tenho	15 Mais ou menos, às vezes a professora manda ler um texto na sala

Tabela 5: Desenvolvimento da leitura em sala de aula

Pela fala dos alunos, percebe-se que as aulas não são proveitosas; dessa forma, é possível verificar que isso acaba distanciando o aluno da leitura, pois eles vão ter sempre a ideia de que se trata de algo chato e sem graça.

Para tanto, o professor deverá ser um bom leitor, ter desenvolvido o gosto pela leitura e praticá-la constantemente, de modo que possa promover em sala de aula uma prática de leitura que leve seus alunos a gostarem de ler e a perceber a importância da leitura para a formação individual, assim como para a aquisição de novos conhecimentos científicos ou não.

Em relação ao que se lê nessas aulas de leitura, a tabela 6 revela que o material escolhido ainda é muito tradicional e acaba deixando de lado o gosto literário dos alunos; por terem que cumprir a ementa curricular, os professores acabam engessando a leitura dos alunos em textos didáticos.

O que você lê nessa aula?

Respostas dos alunos:

		Colégio	
Modelo		Polivalente	
1	Textos do livro didático de língua portuguesa	1	Artigo, notícia e textos literários
2	Clássicos da literatura brasileira	2	Livros sobre contos voltados a conteúdos
3	Não tem aula de leitura	3	Não tenho aulas
4	Artigo, notícia e textos literários	4	Não tenho aulas de leitura
5	Não tem aula de leitura	5	Não tenho aulas de leitura
6	Livros didáticos	6	Mais livros de português
7	Livros didáticos	7	Textos informativos e crônicas
8	Não tenho aulas de leitura	8	Literatura
9	Romantismo e realismo	9	Livros
10	Tudo	10	Não tenho aulas de leitura
11	Textos	11	Não tenho aulas de leitura
12	Livros	12	Não tenho aulas de leitura
13	Livros didáticos	13	Textos
14	Livros didáticos	14	Não tenho aulas de leitura
15	Não tenho aulas de leitura	15	Texto do livro da escola

Tabela 6: Conteúdo trabalhado em sala de aula

Para atingir tais metas, o educador deve desenvolver um trabalho pedagógico bem fundamentado o que exige tempo, dedicação e compromisso com a profissão.

Portanto, pode e deve "fugir" desse tipo de leitura escolarizada, mecanizada, utilizada em sala de aula, ainda nos dias atuais, e levar os alunos a uma compreensão sobre o significado de ler e, por conseguinte, à mudança de atitudes, revelando possibilidades e alternativas que implicam na convivência com a leitura.

Segundo Silva (2002, p. 16):

A leitura ocupa sem dúvida um espaço privilegiado não só no ensino da língua portuguesa, mas também no de todas as disciplinas acadêmicas que objetivam a transmissão de cultura e de valores para as novas gerações. Isso porque a escola é, hoje e desde há muito tempo, a principal instituição responsável pela preparação de pessoas para o letramento e a participação no mundo da escrita, utilizando-se primordialmente de registros verbais escritos (textos) em suas práticas de criação e recriação de conhecimento.

O que acontece no colégio é que esse tipo de leitura escolarizada - que não insere o aluno no contexto, que não o leva à descoberta do mundo e suas implicações - leva-o a pensar como se não existisse nada fora dos muros dela. Ou seja, uma prática cotidiana que dificilmente vai mobilizar o aluno a interessar-se em ler, uma vez que quase sempre os textos são descontextualizados.

Sabe-se que o sentido de leitura não é único e nem definitivo, pois se modifica através dos tempos, acompanhando as alterações do mundo, dependendo de como cada autor se apoia em determinada área do saber e do interesse de cada leitor.

É possível assegurar que a leitura - como as demais aprendizagens - é um processo de construção pessoal a partir dos conhecimentos e das experiências de cada aluno, reforçado pelas oportunidades que lhe são oferecidas, como, por exemplo, a criação de um espaço dentro da sala de aula que oportunize condições de acesso aos diferentes portadores de textos, possibilitando uma maior interação entre o aluno e os textos, atividades com leituras orais silenciosas, representações, trocas de ideias entre grupos de alunos, etc.

Observa-se ainda que, pelos relatos, a maioria dos alunos afirma não ter aula que desenvolva a leitura. Sendo assim, acabam perdendo uma valiosa ferramenta para seu desenvolvimento escolar.

Os dados apontados no gráfico 2 demonstram uma grande visitação dos alunos na biblioteca, ficando evidente na coleta dos dados que 87% dos estudantes frequentam a biblioteca da escola, revelando, assim, a importância da biblioteca na escola como ponto de apoio na sua formação como estudante. Existe uma pequena parcela de 13% que não frequenta a biblioteca, de acordo com os resultados apresentados pelos alunos.

Deve-se estar atento para o fato de que não são simples ou fáceis as ações que precisam ser executadas a fim de permitir não só a existência da biblioteca escolar, mas também a sua integração ao projeto pedagógico de sua escola e, assim, fazer com que esta deixe de dever ser para ser efetivamente.

Sendo assim, os alunos visualizam na biblioteca um local de potencial de atuação e prestação de serviço, mas que ainda não foi plenamente explorado, pois necessitam de propostas pedagógicas sérias que os incluam no contexto escolar, garantindo sua interação e integração não só com programas, mas essencialmente com os atores envolvidos neste contexto.



Gráfico 2: Frequência de visita à biblioteca da escola

Nesse sentido, faz-se ainda mais importante pesquisar iniciativas que acolham a biblioteca escolar, concorrendo para que estas iniciativas, que em muitos casos não obtêm o resultado desejado, evoluam, transformando-se em realidade atuante não só no sistema escolar, mas na própria sociedade. E assim, conseqüentemente, exterminar o provisório eterno que ainda ronda a biblioteca escolar.

A biblioteca escolar, atuando como um centro de informação educativo, provavelmente reúne em seu cerne boa parte de todas as características e objetivos. Exposta por tantas definições e unida aos objetivos educacionais, permite que se vislumbre um grande futuro para a formação e educação permanente do cidadão.



Gráfico 3: Tipo de leitura desenvolvida na biblioteca da escola

O gráfico 3 retrata dados referentes ao tipo de livro escolhido pelos alunos para ler na biblioteca, demonstrando que 60% dos alunos gostam de ler o gênero

romance, que representa a grande maioria dos alunos pesquisados, e os outros 40% dos alunos possuem gostos variados.

O gráfico 4 retrata uma preferência de 93% dos alunos por desenvolver a leitura em casa, mostrando, assim, que o ambiente da biblioteca ainda não é considerado pelos alunos um local agradável para ler, ou seja, a biblioteca dos colégios Modelo e Polivalente não possuem um local agradável para que os alunos se sintam bem para desenvolver suas leituras. Apenas 7% dos alunos afirmaram gostar de ler nas bibliotecas dos colégios pesquisados.



Gráfico 4: Local onde gosta de ler

Esse fato fica evidente também no gráfico 5, quando foi questionado aos alunos se a biblioteca desenvolve projetos de incentivo à leitura: 53% dos alunos responderam que não e 47% indicaram que sim, ou seja, observa-se ainda uma falta de planejamento quanto às atividades desenvolvidas na biblioteca, pois alguns alunos ainda sentem falta de projetos efetivos de leitura nesse local.



Gráfico 5: Projeto de incentivo à leitura

O gráfico 6 retrata a quantidade de livros lidos na biblioteca pelos alunos, sendo que 53% informaram que já leram quatro ou mais livros, demonstrando que a biblioteca está sendo utilizada por eles, mas esse número poderia ser maior, segundo alguns alunos, se a biblioteca oferecesse um serviço de qualidade e não fosse apenas uma sala de leitura ou um depósito de livros.

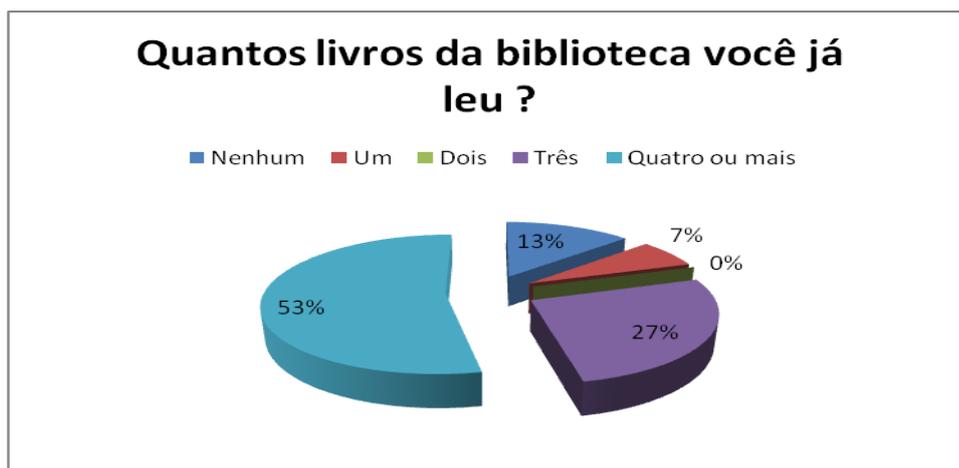


Gráfico 6: Índice de leitura na biblioteca

O gráfico 7 retrata uma informação relevante sobre a importância da biblioteca na escola, de modo que 100% dos alunos têm a visão sobre a relevância da biblioteca na escola, mas ainda não têm o hábito de utilizá-la frequentemente, e sim, esporadicamente, para fazer alguns trabalhos e leituras rápidas.

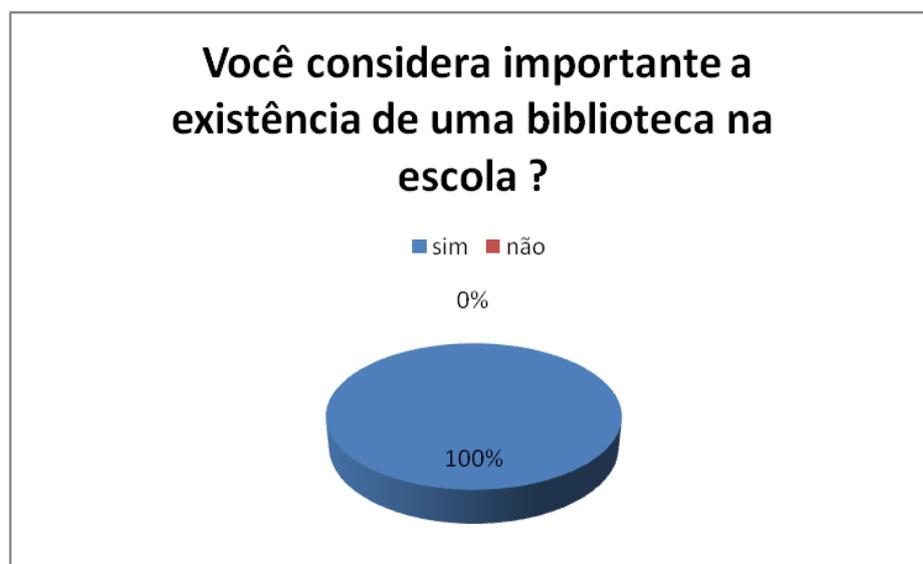


Gráfico 7: Importância da biblioteca

O gráfico 8 mostra a média de livros que os alunos leram durante o ano de 2014 e, de modo geral, apresentou um dado satisfatório, pois 70% dos alunos leram quatro ou mais livros, equiparando-os à média nacional, que é de 4 livros, segundo a pesquisa Retrato da leitura no Brasil, realizada em 2011.



Gráfico 8: Quantidade de livros lidos no ano de 2014

Na pesquisa Retrato da leitura no Brasil¹, ainda precária e insuficiente, mas a maior investigação já feita no Brasil sobre leitura fora de uma perspectiva prioritariamente “escolar” (com leitores de idade igual ou superior a 14 anos e o mínimo de três anos de escolaridade), realizada em 2011, pela Câmara Brasileira do Livro (CBL), Sindicato Nacional dos Editores de Livros (Snel) e Associação Brasileira dos Editores de Livros (Abrelivros), outros tópicos significativos sobre a situação da leitura no país são enfatizados.

Um aspecto capital apontado pela pesquisa é o de que o brasileiro lê, em média, 4 livros por ano, índice muito baixo, se comparado ao de países como a França (7,0), os Estados Unidos (5,1), a Inglaterra (4,9). E esse índice se revela ainda mais crítico quando a pesquisa demonstra que a penetração do livro no país e o acesso a esse objeto cultural são ainda bastante restritos, concentrando-se o mercado comprador de livros nas mãos de 20% da população alfabetizada com 14 anos ou mais, na Região Sudeste, nas grandes cidades e metrópoles, nos estratos de renda mais elevada (classe A) e com instrução superior.

¹ Dados colhidos no site www.cbl.org.br, em novembro de 2014

4.3 Caracterização dos professores dos Colégios Modelo e Polivalente

A tabela 7 identifica a amostra dos professores que participaram da pesquisa, trazendo informações sobre o Colégio, idade e série em que leciona.

Foram entrevistados dezesseis professores, sendo distribuídos oito por colégio, correspondendo a 50% dos professores do Colégio Modelo e 50% dos professores do Colégio Polivalente, com idades variadas entre vinte e quatro a sessenta anos. As séries em que lecionam são o primeiro, segundo e terceiro ano do ensino médio, e a pesquisa foi realizada no período de setembro a outubro do ano de 2014.

Variáveis	Nível	F	%
Colégio	Modelo	8	50,0
	Polivalente	8	50,0
Total		16	
Idade	24 a 30 anos	4	25,0
	31 a 40 anos	8	50,0
	41 a 60 anos	4	25,0
Total		16	
Série	1 ano	6	37,5
	2 ano	5	31,3
	3 ano	5	31,3
Total		16	

Tabela 7: Identificação da amostra dos professores

A amostra inicial da pesquisa era de vinte professores do ensino médio, mas houve dificuldade em coletar os dados inicialmente, por isso, a pesquisa foi realizada apenas com dezesseis professores, pois alguns estavam de licença e outros não estavam no seu dia de aula, sendo assim, não foi possível realizar a pesquisa com todos.

4.4 Percepção dos professores sobre o gosto dos alunos pela leitura

Quando se pergunta aos professores se seus alunos gostam de ler, verifica-se, de acordo com a gráfico 9, que 75% dos pesquisados responderam que sim. Avaliando esta resposta, observa-se que, mesmo sem muito incentivo, o professor identifica seus alunos como leitores, pois o aluno busca através da leitura informações para o seu cotidiano e, com isso, cresce educacional e profissionalmente, visto que se torna um ser crítico e inserido no mundo que o cerca. Outros 25 % dos professores afirmaram que seus alunos não gostam de ler, ficando assim a preocupação em transformar estes alunos em leitores em potencial.



Gráfico 9: Visão dos professores sobre hábito de leitura dos alunos

Para diminuir o problema de falta de leitura, muitos professores têm buscado imprimir no seu aluno o hábito de leitura. A leitura é um fator importante para a formação do indivíduo.

Mas, mesmo com todo o interesse dos professores em desenvolver no aluno a prática de leitura, vê-se que as escolas passam pelo que denominaram de crise de leitura. Esta crise se dá pelo fato do alunado não ler textos escritos, principalmente livros, no seu dia a dia (MARTINS, 2002).

Podemos também observar, através desta resposta, que os professores, juntamente com o Colégio, têm muito a fazer em prol de seus alunos, para que descubram na leitura o prazer e a necessidade de boas leituras, a fim de se tornarem cidadãos críticos e participativos.

O hábito da leitura é essencial para a compreensão de todas as outras áreas de conhecimento. Dessa forma, a leitura tem uma função social. O estudante com afinidade e gosto pela leitura tem maior habilidade de discussão, de construção de textos, possui um vocabulário amplo, sofisticado e também pode debater os fatos e os acontecimentos no cotidiano.

O gráfico 10 apresenta a questão sobre o que os alunos mais leem na escola na visão dos professores, do que se constata que 44% dos alunos utilizam livros paradidáticos como suporte para leitura no colégio.

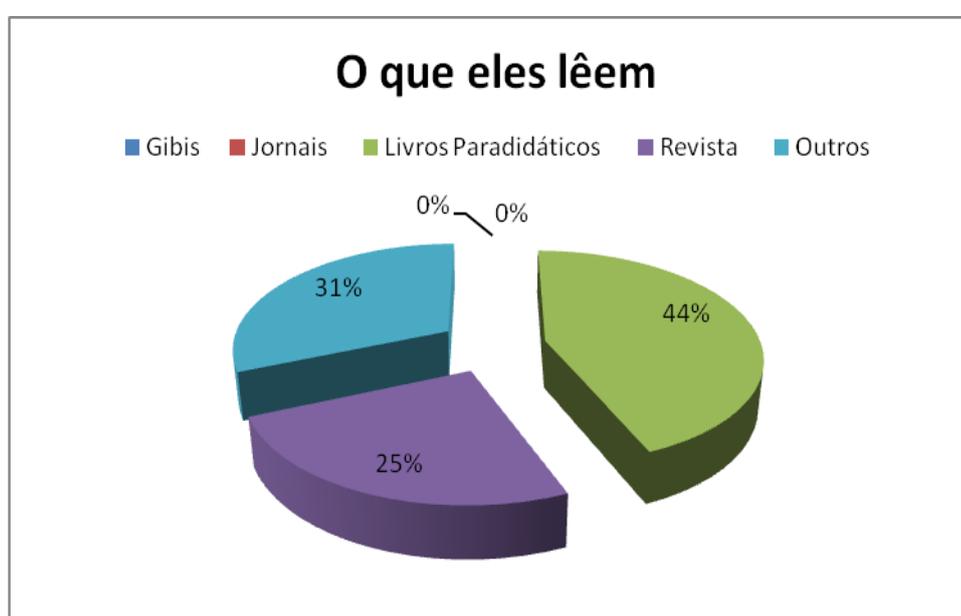


Gráfico 10: Visão dos professores sobre o hábito de leitura dos alunos

Fica evidente que a utilização desse material é por obrigação escolar, sendo assim, acaba não despertando o gosto pela leitura. Sabe-se que o professor ainda tem grande influência na indicação do material de leitura dos seus alunos e 31% dos professores acham que os alunos têm a preferência por outro tipo de leitura, como livros de romance, ficção e aventura, e os outros 25% gostam de ler revistas.

As experiências de leitura da literatura confirmam o pressuposto de que é lendo que o leitor aprende a conhecer o mundo e conseqüentemente a conhecer mais profundamente a si mesmo. Porém, essa leitura não acontece por um mecanismo que se apreende pelas inúmeras repetições, mas decorre de uma paixão pelo ato de ler.

O que interessa para o leitor é fundamentalmente compreender o sentido das obras literárias, porque cada obra tem sentido único de compreensão do mundo e de

si mesmo. O problema é que, nos programas escolares, exige-se dos alunos o conhecimento das teorias, métodos, classificações e instrumentos analíticos, de tal modo que eles têm de aprender a captar não o sentido de determinada obra ou o efeito que ela provoca ao se revelar na leitura, mas uma análise dela, o que contribui em grande medida para gerar um desinteresse generalizado e crescente pela leitura.

Você indica livros de literatura para seus alunos? Que tipo?			
Respostas dos professores:			
		Colégio	
Modelo		Polivalente	
1	Sim, livro relacionado à matéria lecionada	1	Não indico
2	Sim, clássicos da literatura universal e nacional	2	Sim, literatura clássica
3	Não	3	Sim, livros de contos, crônicas, romances de modo geral
4	Sim, os clássicos das escolas literárias em estudo	4	Sim, literatura brasileira
5	Poucos, da área de matemática	5	Não
6	Sim, informática e literatura	6	Livros de modo geral
7	Sim, literatura técnica na área de computação e gestão	7	Obras clássicas da literatura
8	Sim, literatura brasileira	8	Não indico nenhum livro

Tabela 8: Livros indicados pelos professores

Na tabela 8, evidencia-se a postura dos professores que concordaram plenamente em responder sobre a importância dos textos literários para melhor desempenho dos alunos; a maioria acredita que deve estimular os mesmos a lerem não só literatura, mas também os mais variados textos, para só assim terem um aprendizado melhor, buscando através de leituras diversas entenderem melhor o mundo globalizado, utilizando jornais, revistas, gibis, propagandas e outros, para facilitar o aprendizado e estimular o gosto pela leitura.

Na tabela 9 está indicado que os professores foram indagados a responder sobre os critérios utilizados para a escolha dos livros. A maioria das informações coletadas retratam de forma objetiva o cotidiano que os alunos e professores vivem; outros professores não indicam nenhum tipo de livro para seus alunos, despertando a atenção para o descaso de alguns professores. Ainda assim, houve o (professor 6 do Colégio Polivalente) que relatou que “Alguns dos livros servirão para a futura vida acadêmica do aluno, outros servem para o período que os estudantes passam na

escola; outros para a vida”, observando-se, assim, o compromisso dele com a formação dos alunos.

Que critérios você usa para escolher esses livros?	
Respostas dos professores:	
Colégio	
Modelo	Polivalente
1 Características do autor, do livro, temas	1 Não indico
2 O currículo para a série em questão	2 Série e gênero literário
3 Não indico	3 A realidade
4 Que tenha conteúdos e informações de qualidade, principalmente trabalhos científicos	4 Educativos
5 Não faço	5 Não
6 Linguagem didática, ilustrações e autores conceituados	6 Alguns dos livros servirão para a futura vida acadêmica do aluno, outros servem para o período que os estudantes passam na escola; outros para a vida
7 Seja produtivo e que tenha na biblioteca	7 Obras clássicas da literatura
8 Didático ou paradidático	8 Não indico nenhum livro

Tabela 9: Critério para escolha de livro pelos professores

É através da leitura que o indivíduo cresce em todos os âmbitos, de modo a tornar a leitura uma atividade dinâmica, enfim, despertando o interesse para que todos possam ser bons leitores, formando assim cidadãos críticos, autônomos e independentes. O Brasil ainda não atingiu os níveis de leitura satisfatórios para que se possa afirmar que há um público comprometido com a leitura.

Na tabela 10 apresentam-se reflexões dos professores sobre as características de um bom leitor, demonstrando que o caminho para que o aluno possa tornar-se um bom leitor é o prático exercício no processo de apreensão da realidade. É com base na leitura que se busca um ideal, por isso ela precisa ser contextualizada com o meio em que se vive, facilitando a sua compreensão e significação, onde o indivíduo possa produzir e interpretar os seus próprios escritos.

Para você, que características deve apresentar um bom leitor?			
Respostas dos professores:			
		Colégio	
Modelo			Polivalente
1	Que consiga ler gêneros variados, indo além do que está explícito	1	Gosto pela leitura
2	Interesse, objetivos, prazer	2	Ler com espontaneidade na escola ou biblioteca e em casa também; ler além do que lhe é solicitado; deve escrever bem, já que é um bom leitor
3	Capacidade de interpretar e gostar de ler	3	Persistente e curioso
4	Interesse pela obra, discernimento quanto às características presentes na obra, entre outros.	4	Curiosidade de saber
5	Boa oralidade, falar com desenvoltura, gama de conhecimentos	5	Criticidade, argumentação, ler e escrever bem
6	Gostar de conhecer novas experiências	6	Crítica
7	Um bom leitor tem que saber interpretar, argumentar e saber socializar o que leu	7	Ter curiosidade e gostar de ler
8	Tem mais conhecimento sobre os temas apresentados	8	Procurar sempre mais conhecimento

Tabela 10: Características de um bom leitor

Com o exercício da leitura, mas de forma correta, buscando, pesquisando e interpretando o que ler, a maneira de expressar, de tratar os outros são completamente diferentes, pois é através das relações e do meio social em que se está inserido é que o homem será capaz de construir sua linguagem.

A literatura não propicia apenas aquisição de conhecimento, ela também é fonte riquíssima de criatividade; por meio dela o leitor viaja pelo mundo, conhece países, ilhas, cidades, vários lugares sem sair do lugar. As obras literárias têm o poder de despertar a imaginação do leitor sem que ele perceba. São textos com muitos detalhes e descrições de lugares, pessoas e fatos, descrições estas que levam automaticamente o leitor imaginar como seria.

A tabela 11 mostra a visão dos professores sobre o gosto literário dos alunos. Por mais que as literaturas tenham muitos benefícios, ainda se percebe aversão de muitos alunos com relação a textos e obras literárias.

Em sua opinião, seus alunos gostam de ler obras literárias? Que tipo?		
Respostas dos professores:		
Colégio		
Modelo		Polivalente
1 Sim. Romance policial, ficção científica, narrativas fantásticas; coletânea de poemas.	1	Não
2 Não, a maioria reclama da linguagem das obras em estudo, o que é compreensível, pois se trata de obras do século passado, no entanto, com histórias atuais	2	Não gostam
3 Sim, contos	3	Desconheço
4 Acredito que sim	4	Não
5 Não sabe	5	Sim, Literatura relacionada a obras de autores brasileiros
6 Sim, <i>best sellers</i> internacionais	6	Alguns, aventura, romance e terror
7 Não sei, pois trabalho com matemática	7	Não, a minoria
8 Não	8	Indicados pelos professores

Tabela 11: Visão dos professores – gosto literário dos alunos

No entanto, como foi citada anteriormente, a escola possui muita culpa disto, primeiramente pelo fato de o professor realizar leituras para os alunos, tornando-os acomodados. Em segundo lugar, pelo fato de deixar de lado o aspecto prazeroso da literatura e desenvolvê-la como uma obrigação. O terceiro fator está relacionado aos interesses literários de cada indivíduo.

Segundo Gebara (2002, p. 20), muitas vezes o professor ignora por completo “as diferenças individuais, as diferenças particulares em que cada leitor está inserido”. Sendo assim, leitura é o processo que gera a mudança, desenvolvimento cultura e progresso. Um elemento essencial para o desenvolvimento da humanidade e o caminho para se atingir conquistas, a construção e reconstrução do conhecimento. A leitura é um conhecimento sem limites, não depende somente da identificação de símbolos e gráficos, mas, sim, de todo o contexto ligado à experiência de vida de cada um, para que este possa associar seus conceitos prévios com o conteúdo do texto e, assim, formar o sentido.

O professor é, acima de todas as demais figuras, o principal responsável pela formação do futuro leitor. O professor deve ser alguém que "contamine"

positivamente o aluno e a comunidade escolar, sendo um exemplo de leitor, demonstrando paixão pela profissão e fazendo jus a sua missão: educar e ensinar.

Segundo Silva (2003, p. 30),

[...] todo professor é um livro e, conseqüentemente, uma promessa de leitura para seus alunos. A questão é saber se esse livro se renova e se revitaliza na prática do ensino; de que maneira esse livro se deixa fruir pelos alunos-leitores e se esse livro se abre à reflexão e ao posicionamento dos leitores, permitindo a produção de muitos livros e textos.

A tabela 12 mostra a visão dos professores referente à frequência de leitura de seus alunos, observando-se pelas respostas que não existe uma certeza, pelo motivo de que os alunos não fazem leitura; contudo, sabemos que os diversos cursos de formação docente abordam a importância de se respeitar as limitações, realidade, cultura, etnia, habilidades e principalmente interesses de cada aluno.

Com que frequência seus alunos leem? Por que eles leem?			
Respostas dos professores:			
		Colégio	
Modelo		Polivalente	
1	Sim. Romance Policial, ficção científica, narrativas fantásticas; coletânea de poemas.	1	Não
2	Não, a maioria reclama da linguagem das obras em estudo o que é compreensível, pois se tratam de obras do século passado, no entanto com histórias atuais	2	Não gostam
3	Sim, contos	3	Desconheço
4	Acredito que sim	4	Não
5	Não sabe	5	Sim, Literatura relacionada a obras de autores brasileiros
6	Sim, Best selers internacionais	6	Alguns, aventura, romance e terror
7	Não sei, pois trabalho com matemática	7	Não em minoria
8	Não	8	Indicados pelos professores

Tabela 12: Visão dos professores sobre a frequência de leitura dos alunos

Sendo assim, o professor tem que ser um livro aberto e renovador em sua prática docente, é preciso muita competência e compromisso com a transformação e, acima de tudo, muita consciência do lugar social que ocupa. O professor não pode se limitar perante seus alunos; ele precisa avançar, extravasar, se livrar de velhos dogmas que ainda norteiam a vida profissional de muitos professores, pois a educação não se concretiza com medos e punições, mas com coragem e liberdade de expressão.

Parece que quando os professores assumem uma sala de aula esquecem o que estudaram na teoria e direcionam sua prática em caminho contrário, desconsiderando que os alunos são sujeitos ativos com opiniões e vontades próprias.

A leitura não deve ser imposta aos alunos, pois ela não é lei e nem regra. Ela é uma forma de aquisição de conhecimento, reflexão e até mesmo lazer; o professor deve conduzir para que ela seja prazerosa ao aluno, de forma com que ele queira ler a cada dia mais. É preciso resgatar a leitura na sala de aula em todas as disciplinas.

Partindo dos resultados da pesquisa, observa-se que os professores ainda apresentam receio quanto à leitura de seus alunos. Para eles, ainda hoje, o alunado não lê, não tem motivação, e quando o faz é por obrigação ou imposição. De acordo com Martins (2002, p. 10), esse tipo de opinião aparece entre os professores porque:

Parece que, num primeiro momento, pensamos sempre a leitura sob o signo do prazer, ou seja, a leitura está sempre associada a uma prática que deve ser desenvolvida sob o manto de uma positividade que precisa ser reconhecida e assimilada pelo sujeito-leitor. Não basta ler, é preciso gostar de ler. Por isso, a preguiça, como um dos pecados capitais, não pode imiscuir-se nessa prática. Na verdade, a leitura associada ao ato de amor é um discurso recorrente.

Dessa forma, as próprias exigências e avaliações podem abalar a confiança que o aluno tem em si. Às vezes ele é avaliado por um único momento, decisivo, fundamental para o seu ano escolar, e sua autoestima pode então sofrer um abalo especial, o que faz com ele se desmotive para com o mundo da leitura.

O processo da leitura é essencial para a compreensão de todas as disciplinas. Seja o enunciado de um problema de física, de química, de matemática. Em qualquer área de conhecimento, a compreensão da leitura depende do conhecimento de mundo do leitor e, principalmente, da multiplicidade de sentidos que podem ser atribuídos ao texto. Em um mundo globalizado, amplo de conhecimentos, em que se vive e caracterizado pela circulação na sociedade de um grande e diversificado volume de informações, é importante a capacidade de ler e de compreender textos em diversas linguagens.

Na tabela 13 verificou-se, na fala de alguns professores, a preocupação referente ao incentivo do hábito da leitura, visto que os professores sabem da relevância que a leitura tem. Outros professores não fazem nenhum tipo de atividade.

Que atividades você tem feito para incentivar o hábito da leitura em seus alunos?			
Respostas dos professores:			
Colégio			
	Modelo		Polivalente
1	Levo a turma para a biblioteca, lá fazemos anotações ou simplesmente lemos para fazermos a socialização ao final da unidade	1	Indico alguns livros que li da área que leciono
2	Sempre que possível solicito a adaptação da obra em estudo para a linguagem atual e ao gênero cinematográfico	2	Apresentação das obras literárias para despertar a curiosidade
3	Roda de leituras e debates	3	Fazendo leitura de textos diariamente
4	Não faço nenhuma atividade	4	Roda de leitura
5	Não faço nenhuma atividade	5	Leitura e socialização de artigos e capítulos de livros sobre temas atuais
6	Rodas de leitura, releituras das obras, transformando-as em filmes, indicações nas redes sociais	6	Propaganda literária, filmes paralelos aos livros
7	Conversas informais	7	Nenhuma
8	Não faço nenhuma atividade	8	Indicar um bom livro

Tabela 13: Incentivo à leitura

Diferentemente do que muitas pessoas pensam, não cabe apenas ao professor de língua portuguesa incentivar o hábito de leitura nos alunos. É um dever de todos aqueles que direta ou indiretamente trabalham com a educação.

A formação dos leitores não é tarefa exclusiva dos professores de Língua Portuguesa, mas é compromisso de todos educadores, que formam leitores, caracterizando, assim, uma dinâmica multidisciplinar sustentada, necessariamente, por princípios consistentes (RÖSING, 1996).

Falta conscientização das pessoas em dar importância para esse assunto, em adquirir esse hábito tão necessário, esquecendo-se também do valor que a prática da leitura exerce na vida do indivíduo, enquanto cidadão que cumpre deveres na sociedade.

Nunca é demais lembrar que a prática da leitura é um princípio de cidadania, ou seja, o leitor cidadão, pelas diferentes práticas de leitura, pode ficar sabendo quais são as suas obrigações e também pode defender os seus direitos, além de ficar aberto às conquistas de outros direitos necessários para uma sociedade justa, democrática e feliz (SILVA, 2003).

Muitas vezes, o que ocorre, principalmente no colégio, é a falta de interesse pela leitura, por parte dos professores, que por tantos outros motivos, estão desinteressados em relação ao modelo de educação, à qualidade de ensino e dos materiais pedagógicos e principalmente ao valor dos livros. Com a falta de interesse, acabam desmotivando os próprios alunos.



Gráfico 11: Atividades desenvolvidas pelos professores na biblioteca

O gráfico 11 retrata que 56% dos professores utilizam a biblioteca como ferramenta pedagógica, revelando um número insatisfatório, pois a biblioteca é um local fundamental para a formação do hábito de leitura dos alunos. A biblioteca escolar é uma grande aliada para a sociedade contemporânea, pois através dela as crianças e jovens podem desenvolver as suas capacidades na escrita e na leitura, tornando-se adultos capazes de acompanhar a sociedade atual e os avanços que ela proporciona.

A Biblioteca Escolar é o setor dentro de qualquer instituição de ensino fundamental e médio, que dedica cuidados especiais à criança e ao adolescente. Desta forma, estas bibliotecas são um dos meios educativos, ou seja, um recurso indispensável para o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem e formação do educando (KIESER; FACHIN, 199?).

Com base nisso, observa-se que a biblioteca escolar tem um importante papel na vida das crianças, pois é através dela que os alunos obtêm os primeiros contatos com os livros dentro da escola, aprendem a cuidá-los e, a partir daí, começam a despertar o interesse pela leitura.

A tabela 14 mostra as atividades que os professores desenvolvem com seus alunos, sendo perceptível pela fala dos professores um interesse grande na realização dessas atividades, pois são elas que vão direcionar a evolução dos

alunos no colégio; contudo, a falta de compromisso de alguns professores é evidente.

Conforme a pergunta anterior, cite 3 atividades e seus objetivos se sua resposta for sim.			
Respostas dos professores:			
Colégio			
Modelo		Polivalente	
1	Pesquisa, leitura de livros e leitura dirigida	1	Não desenvolvo atividade de leitura
2	Estudo dirigido, roda de leituras e leitura livre	2	Leitura e aprendizagem
3	Roda de leitura, fazer com que as pessoas se socializem no hábito de leitura	3	Não desenvolvo atividade de leitura
4	Não desenvolvo atividade de leitura	4	Pesquisa, leitura de textos técnicos
5	Não desenvolvo atividade de leitura	5	Não desenvolvo atividade de leitura
6	Aula de pesquisa, que desperta o gosto pela leitura em espaços como a biblioteca, roda de leitura, ler livros indicados e discutir sobre eles, e leitura livre – escolha do gênero por interesse pessoal	6	Promover familiaridade com o espaço; reconhecer o espaço como ambiente de estudo e pesquisa; desenvolver autonomia na escolha dos livros
7	Não desenvolvo atividade de leitura	7	Pesquisa, trabalho em grupo
8	Não desenvolvo atividade de leitura	8	Leitura, passeio extraclasse e pesquisa

Tabela 14: Atividades de leitura

O professor precisa trabalhar a leitura, seja na aula de matemática, ciências ou outra disciplina. Muitas vezes o aluno não consegue entender um enunciado de uma questão, pelo simples fato de não compreender o que o texto diz. O aluno, muitas vezes, não resolve problemas de matemática, não porque não saiba matemática, mas porque não sabe ler o enunciado do problema – porque, de fato, ele não entende mesmo é o português que lê. Não foi treinado para ler números, relações quantitativas, problemas de matemática; tudo o que se ensina na escola está diretamente ligado à leitura e depende dela para manter e se desenvolver (CAGLIARI, 1995).

É por meio da leitura que o indivíduo adquire conhecimentos. A leitura tem a capacidade de transformar o indivíduo, fazê-lo refletir, mantê-lo inteirado sobre os acontecimentos.

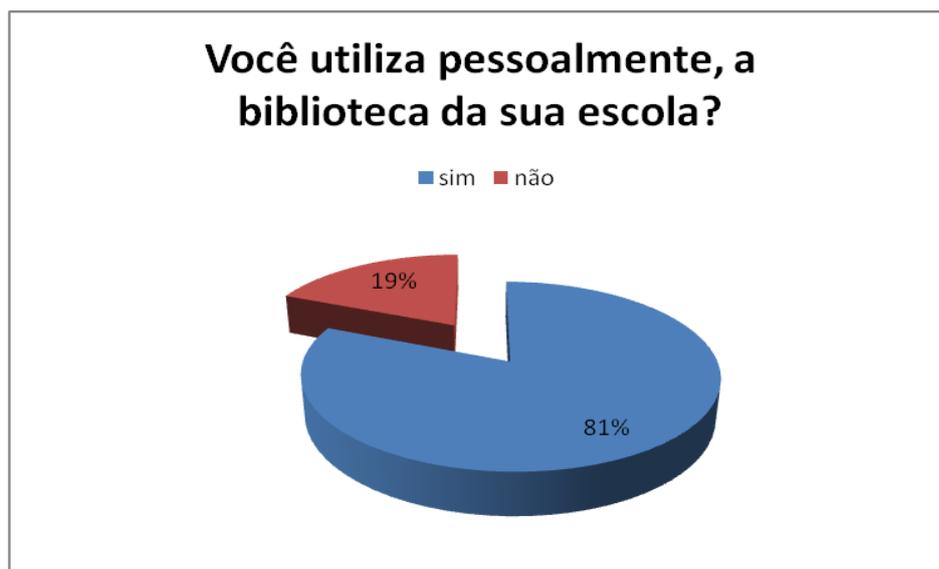


Gráfico 12: Frequência do professor na biblioteca

O gráfico 12 retrata a utilização dos professores referente à biblioteca, revelando que 81% deles utilizam-na, mostrando, assim, a importância e o valor da biblioteca escolar. Percebe-se, ainda, uma resistência ou falta de esclarecimento de 19% dos professores sobre a biblioteca como ferramenta pedagógica.

O valor da biblioteca escolar é muito grande dentro das escolas, pois é a principal ferramenta no processo de aprendizagem dos alunos e contribui para o desenvolvimento e formação de crianças e adolescentes, já que oferece a oportunidade e disponibilidade destes manterem contato direto com o principal objeto no processo de incentivo à leitura, o livro.

O bibliotecário também é peça imprescindível; sua presença dentro de uma escola é de fundamental importância, visto que além de ajudar no processo de incentivo à leitura, busca ensinar os seus usuários a serem independentes, para que sejam capazes de procurar e encontrar as informações que precisam, isto é, orientá-los a usar as ferramentas que podem ajudar na busca das informações necessárias ao invés de encontrar as informações para eles. Assim, o bibliotecário contribuirá em seu processo de ensino aprendizagem. Mas ambas as escolas ainda não dispõem de um profissional bibliotecário.

Na tabela 15 percebe-se o perfil de leitura dos professores, sendo que isso se reflete diretamente na escolha do material para desenvolver práticas de leitura com os alunos. Pelo que se nota, existe um gosto diversificado, mas existe uma forte tendência para as obras literárias, apontando ainda que alguns professores não fazem utilização das obras existentes na biblioteca do colégio, deixando assim uma

lacuna muito grande entre professor e alunos, pois o professor é a principal fonte de referência e exemplo dos alunos, ou seja, sem incentivo do professor, a formação do hábito de leitura fica prejudicada.

Se sim, de quais livros você faz uso?	
Respostas dos professores:	
Colégio	
Modelo	Polivalente
1 Literatura clássica, informática, revistas e didáticos	1 Relacionados à minha disciplina
2 Livros de pesquisa para meu planejamento e livros para meu lazer, romances, crônicas, contos, entre outros	2 Literatura brasileira
3 Diversos, literatura, informática paradidáticos entre outros	3 Literatura
4 Não	4 Técnicos e romances
5 Área de exatas	5 Não
6 Literatura e didáticos	6 Teóricos (didáticos, ficção)
7 Livros de matemática	7 Não
8 Literários	8 Clássicos da literatura

Tabela 15: Utilização dos materiais da biblioteca

Outro fator que deve ser imprescindível para a melhor utilização da biblioteca pelos professores é a presença de um profissional qualificado, no caso, o bibliotecário, para dar suporte à busca e recuperação dessas informações, facilitando a vida dos professores e alunos na construção do conhecimento. Mas, não basta só buscar e recuperar informações, é necessário que tais informações realmente venham a fazer sentido para os usuários e sejam capazes de lhes proporcionar uma visão clara da sociedade e do mundo no qual estão inseridos.

No gráfico 8, já verificamos que a média de livros que os alunos leram durante o ano de 2014, apresentando, de um modo geral, um dado satisfatório, pois 70% dos alunos leram quatro ou mais livros, equiparando-os à média nacional que é de 4 livros, segundo a pesquisa Retrato da leitura no Brasil realizada 2011.



Gráfico 8: Quantidade de livros lidos no ano de 2014

Já no gráfico 13, verificamos a quantidade de títulos que os professores acham que seus alunos leram no ano de 2014. Sendo assim, em um montante de 16 respostas, 38% acham que seus alunos leram quatro ou mais livros, 12% três livros, 12% dois livros, 19% um livro e 19% nenhum livro. Essa realidade é preocupante, pois mostra que os professores não conhecem, de fato, a real situação de seus alunos, e os principais prejudicados nesse contexto da pesquisa são os alunos, pois deixam de desenvolver suas capacidades de leitura e interpretação.



Gráfico 13: Percepção dos professores a respeito da quantidade de leitura dos alunos

Fazendo um comparativo dos dois gráficos 8 e 13, fica evidente uma diferença grande na afirmação dos alunos e a percepção dos professores sobre a quantidade de livros lidos no ano de 2014, de modo que o professor tem um papel fundamental no contexto de formação do aluno. Sem ele para direcionar os

caminhos, fica mais difícil para os alunos alcançarem seus objetivos, pois as ferramentas pedagógicas estão à disposição do professor, e a biblioteca é um local que ele pode utilizar como recurso de aproximação entre ambos, desenvolvendo atividades de leitura. Contudo, a mesma ainda é pouco utilizada, tanto por alunos quanto por professores, e por isso o índice de leitura dos alunos ainda é baixo em relação aos países da Europa, por exemplo. A média nacional de leitura é de 4 livros por ano; se o professor tiver consciência do seu papel, essa média pode ser ampliada, pois um povo sem leitura é um país sem identidade cultural.

Pela falta de conscientização da importância da leitura, muitos jovens saem da escola como analfabetos funcionais, ou seja, sabem ler, mas não compreendem o que estão lendo, apenas decifram os códigos. Isto ocorre pelo trabalho indevido ou incorreto dos professores com relação à leitura e análise crítica do que se propõe a ler. Muitas escolas possuem em sua estrutura bibliotecas com um acervo muito bom, no entanto, as mantêm fechadas por falta de profissionais qualificados para atuar, como acontece em diversas escolas de ensino fundamental.

A leitura tem um papel importante, visto que ela é agente de transformação, desenvolvimento e melhoria das condições sociais e humanas. Não se pode deixar de falar que é necessário que o leitor saiba filtrar as informações, para que não se prenda a informações de baixa credibilidade.

Cabe ao professor criar situações que propiciem ao aluno o contato com a leitura, de forma a refletir criticamente sobre o que está sendo estudado, para que os alunos não se acostumem a receber textos esmiuçados pelos professores, pois desta forma tornar-se-ão pessoas acomodadas, sem o hábito de ler e interpretar os textos.

O processo educacional voltado para a educação formadora de cidadãos críticos e participativos no meio em que estão inseridos, deve ter como base o desenvolvimento da leitura como fonte de conhecimento cultural, político, cognitivo e social. O que é essencial no colégio tem sido perdido por falta de valorização, posto que as obras literárias são a base do conhecimento, e por isso precisam de grande valorização por parte dos educadores, que são aqueles que conduzem os alunos ao conhecimento. Ficou evidente na pesquisa que a preferência dos alunos é pelas obras literárias, tanto nacionais, como internacionais.

O colégio tem tornado os alunos leitores passivos e obedientes, fugindo do principal objetivo da leitura. A leitura não pode continuar sendo trabalhada como

uma decodificação de signos pelos alunos, sendo necessário que eles tenham sentido e significado para eles. Para que o aluno não decodifique os signos linguísticos apenas, é preciso que o professor saiba conduzir a leitura, ensinando-lhes as técnicas necessárias, mas sem tornar a leitura arbitrária. A leitura deve ser prazerosa e válida ao leitor, não à pessoa que a sugere como uma boa obra para ser lida.

O colégio dá ao aluno a capacidade de ler quando o ensina a decodificar os signos da linguagem escrita; a partir de então, ela torna-se responsável por estimular a leitura, visto que o aluno passa a ver o mundo com seus próprios olhos, sem que outra pessoa precise ficar lhe mostrando os conhecimentos. O professor pode a autonomia dos alunos quando utiliza textos fragmentados para lecionar.

A eficácia das políticas públicas de promoção à leitura no Brasil, e no caso da nossa investigação, especificamente aquelas com vistas à formação de leitores literários, como o PNBE, depende do estabelecimento de ações articuladas entre governo federal, por meio do Ministério da Educação, e os demais entes federados. É nessa perspectiva que um dos objetivos da Política de Formação de Leitores expressa a importância desse canal constante de interlocução entre as instâncias federal, estadual e municipal.

No Brasil, o número de pessoas com acesso à Internet cresce a cada instante. Assim, no contexto das instituições de ensino, é real a transição do comportamento dos usuários presenciais para o virtual, no que se refere à leitura, e a aquisição de bibliotecas virtuais que disponibilizam os livros-texto, em formato digital, norteará o futuro das bibliotecas escolares.

Com a tecnologia despontando de uma forma ascendente para agilizar o processo de obtenção de informação, o uso da informática para acesso à leitura torna-se fundamental, pois no século XXI, ela é uma ferramenta imprescindível na rotina de qualquer profissional.

Sendo assim, o ato da leitura representa um processo fundamental na vida de todos, seja para informar-se, motivados pelo caráter investigativo com efeitos para estudos ou atividades de trabalho, ou pelo simples prazer de ler. Aquele que não tem a prática da leitura encontra dificuldade em aprender e compreender o mundo, para formar cidadãos críticos capazes de exercer a cidadania e ajudar a sociedade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou apresentar as conjunturas em que se produzem as experiências e vivências entre sujeitos e a leitura nos espaços escolares – colégio, sala de aula, biblioteca – com o intuito de melhor conhecermos a que se prestam as políticas governamentais, as práticas escolares e os ritos sociais em torno do livro e da leitura, no tocante à formação de leitores, buscando delinear as reais condições em que ocorre a construção das relações entre leitores e livros nos colégios públicos estaduais do município de Itamaraju-Bahia.

Com relação ao problema inicial da pesquisa, que passa pelo entendimento do papel social da biblioteca escolar, a pergunta que nos norteou na presente pesquisa foi: a biblioteca escolar estadual pública de Itamaraju-Ba cumpre verdadeiramente seu papel na formação do hábito da leitura? Nos dados apresentados e analisados ficou claro que a biblioteca cumpre parcialmente seu papel, porque não desenvolve a rotina de uma biblioteca escolar e ainda não é vista pelos seus membros como parte integrante do processo de ensino e aprendizagem, além de apresentar uma estrutura física deficiente e ainda não dispor de um bibliotecário para gerenciar suas rotinas, como previsto na Lei 12.244/10, que busca universalizar as bibliotecas escolares no Brasil, e foi aprovada no dia 24 de maio de 2010, com vigência a partir de sua publicação, no Diário Oficial da União, em 25 de maio. Sendo assim, a biblioteca escolar só cumprirá seu verdadeiro papel quando todos tiverem consciência da importância desse local.

Os objetivos destacados nessa pesquisa foram alcançados; o objetivo geral deste trabalho era analisar de que maneira as bibliotecas escolares estaduais públicas contribuem para a formação do hábito de leitura dos estudantes do ensino médio. As bibliotecas escolares dos colégios Modelo e Polivalente demonstraram exercer um papel fundamental na formação do hábito de leitura do estudante. Durante a pesquisa, ficou evidente que o espaço da biblioteca escolar é pouco frequentado, tanto pelos professores, quanto pelos alunos; sendo assim, é necessário que os professores reformulem seus métodos e desenvolvam ações eficientes e eficazes para que o espaço da biblioteca seja bem aproveitado e utilizado. A falta de um profissional especializado na área deixa vulnerável o crescimento da biblioteca escolar, tornando esse local um depósito de livros e

perdendo, assim, sua função social, que é dar acesso, promover e disseminar informação para todos.

Em relação aos objetivos específicos, foram todos alcançados. Inicialmente foram mapeadas as bibliotecas escolares do município de Itamaraju/Bahia sendo selecionados dois Colégios para a realização do estudo. No objetivo seguinte foram identificadas algumas ações implementadas pelos professores nas bibliotecas escolares, como leitura dirigida, roda de leitura, releituras de textos, pesquisa, leituras dinâmicas; na sequência foi avaliada a frequência de utilização dos estudantes e professores a respeito da utilização do espaço da biblioteca escolar para o desenvolvimento da leitura. Ficou evidente nos dados da pesquisa que a biblioteca é pouco utilizada, mas são desenvolvidas algumas atividades que levam o estudante e o professor para o espaço da biblioteca. O objetivo específico final é fazer uma proposta de uma ação para desenvolvimento e fortalecimento da leitura no colégio, criando um projeto de incentivo à leitura, em que os alunos e os professores possam interagir e compartilhar ideias. O projeto será denominado “Instante de ideias”, local onde seria colocada uma estante de livros usados ou novos, de todos os gêneros, para circular em toda a escola. A ideia inicial é a de que os alunos e professores retroalimentassem esse Instante de ideias, de forma com que uma pessoa leia, leve e traga outro livro.

Dando continuidade ao estudo, foi possível analisarmos mais a fundo o fenômeno da produção de não leitores no interior dos colégios; pudemos identificá-lo por meio de relatos dos professores, que se referiam ao excesso de práticas utilitaristas de leitura e ao trato negligente dado à construção das relações entre leitores e livros ao longo do processo, no entendimento de que a escola deva priorizar o desenvolvimento das competências de leitura, ainda que em detrimento do envolvimento entre leitores e textos. Assim, ao optar por esses dois caminhos, ao invés de promover a aproximação entre os sujeitos e os objetos culturais, em alguns casos, verifica-se a contribuição para o seu progressivo afastamento.

Na revisão de literatura foi selecionada uma bibliográfica específica para nortear o trabalho escrito, inicialmente passando pelo processo de criação e histórias da biblioteca escolar, em que foi descrito o contexto histórico da biblioteca escolar no Brasil, caracterização da biblioteca escolar, a biblioteca escolar e o profissional bibliotecário, a biblioteca escolar e a formação do leitor e as políticas públicas de promoção da leitura e a biblioteca escolar; nessa construção textual, ficou clara a

importância da biblioteca escolar na formação do hábito de leitura, assim como o fato de a leitura exercer um papel transformador na construção de uma sociedade melhor e mais justa.

Nas pesquisas teóricas, é preciso observar as linhas de pesquisa e comparar pensamentos de autores renomados e experientes na área de educação. Além disso, torna-se necessário comprovar, na prática, o que acontece com o hábito de leitura, e se há o estímulo para os alunos.

A metodologia utilizada possibilitou a visualização imediata dos resultados, o que pode, por um lado, ter influenciado algumas respostas, mas por outro, foi um forte fator motivacional e incentivador da participação espontânea dos usuários. Convém ressaltar que este estudo não teve a pretensão de esgotar o assunto em questão, mas apenas conhecer, a partir de uma pequena amostragem, como a formação do hábito da leitura está presente no cotidiano dos alunos e professores do colégio.

Na análise dos dados coletados foi possível identificar, nos colégios pesquisados, que os alunos possuem o hábito de ler. Acredita-se que isto ocorre pelo fato de os professores promoverem atividades de incentivo à leitura dentro de sala de aula e fazerem com que os alunos participem destas.

Foi possível perceber também que, nas bibliotecas dos colégios Modelo e Polivalente, não são desenvolvidas atividades de incentivo à leitura; isto ocorre porque não há nenhum responsável, e os professores não podem disponibilizar todo o seu tempo exclusivamente para a biblioteca, devido a sua responsabilidade pelos alunos em sala de aula.

Observamos que há um interesse por parte dos alunos em relação à leitura, aos livros e à biblioteca. A receptividade dos alunos e dos professores contribuiu muito para a realização desta pesquisa, pois estes demonstraram muito interesse pelo tema apresentado. Pôde-se perceber também que os professores promovem atividades de incentivo à leitura em sala de aula.

Com a pesquisa em questão, constatou-se que os alunos costumam frequentar as bibliotecas e levam alguns livros emprestados para casa. Analisando os dados desta pesquisa, foram verificados resultados positivos em relação ao hábito de leitura dos alunos envolvidos e ao incentivo dos mesmos.

Com as leituras e análise dos questionários, foi possível compreender o que é leitura, verificar a sua importância, os determinados modelos de leitura e apresentar

formas de incentivo à leitura, principalmente para os professores, para que os mesmos realizem atividades que envolvam os alunos nessa prática necessária, além de encontrar estímulos que despertem o gosto pela leitura.

Verificamos ainda que, segundo as entrevistas dos alunos, o professor, de modo geral, tem exercido influência em suas formações como leitores, lembrando que é fundamental a importância de incentivar o gosto pela leitura o quanto antes, de forma com que o aluno não venha a perder o hábito de leitura com o passar dos anos. Deste modo, alguns alunos dizem que poderiam ter mais acesso aos livros, e que os professores poderiam trabalhar mais leituras em sala de aula.

Percebe-se que muitos professores dos colégios ainda tratam a biblioteca escolar apenas como um depósito de livros, que fica isolado das outras dependências da escola; geralmente, o espaço da biblioteca não está adequado para atender o público que deveria frequentá-la. A biblioteca escolar, às vezes, é vista como um local de castigo para o aluno, fazendo emergir uma imagem muito errada das bibliotecas escolares.

Geralmente os alunos frequentam a biblioteca escolar apenas para fazer pesquisas escolares, o uso da biblioteca não é livre e muitas escolas tratam as bibliotecas como um local destinado a guardar tesouros que não devem jamais ser tocados, onde a lei do silêncio é absoluta.

Verificou-se a necessidade de profissionais bibliotecários exercendo sua função, pois estes são de extrema importância para o desenvolvimento do ensino-aprendizagem dos alunos e no processo de incentivo à leitura. Salienta-se a necessidade de aprimorar os métodos de incentivo à leitura, visando atingir o percentual de alunos que ainda não despertaram seu interesse pela mesma.

Dessa forma, a pesquisa tem uma relevância fundamental, pois revela a necessidade constante do desenvolvimento do hábito de leitura nos nossos jovens, já que um país sem leitura é um país sem futuro.

Espera-se que, com a universalização das bibliotecas escolares pela lei 12.244 de 2010, a qual determina a obrigação de bibliotecas e bibliotecários em todas as escolas, a realidade existente mude de forma satisfatória, e que o hábito da leitura seja concretizado de forma mais rápida e eficiente entre os jovens, pois se a biblioteca escolar estiver bem organizada e equipada, de acordo com os padrões exigidos, a prática da leitura acontecerá de forma plena.

Cabe ainda ressaltar que o presente trabalho não procurou esgotar a temática da formação do hábito de leitura; ao contrário, sua intenção foi motivar novos estudos que busquem novas soluções para esse problema, que ressaltem não somente o papel do professor nessa função de levar e incentivar a leitura, bem como não somente o papel do Governo, mais sim de todos, em um esforço conjunto, pois essa situação pode ser contornada e pode trazer benefícios para a sociedade presente e futura, sobretudo no que concerne à formação do cidadão como ser participante e pensante sobre o seu papel na sociedade.

Conclui-se que a maioria dos professores não inclui a biblioteca escolar como um recurso didático para complementar as atividades realizadas em sala de aula; geralmente os professores só utilizam a biblioteca para pegar um livro para utilizá-lo nas atividades escolares. Apesar de as bibliotecas escolares não estarem incluídas no currículo escolar, elas podem ser utilizadas como um recurso disponível para as atividades que envolvam a leitura e a escrita.

Portanto, uma biblioteca fechada ou mal utilizada não passa de uma sala com um monte de folhas escritas, pois não apresenta significado algum aos alunos. Quanto mais cedo os alunos tiverem contato com a biblioteca de sua escola e aprenderem a manusear, ler e compreender as obras literárias, maior vai ser o seu gosto pela leitura no decorrer de seus estudos e de sua vida.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. **Biblioteca pública: avaliação de serviços**. Londrina: Eduel, 2013.

ALMEIDA, B; CARVALHO, P. As centenárias e históricas escolas de São Paulo. **Revista SIOEST**, São Paulo, v.22, n.187, p. 44-54, nov. 1996.

BARROSO, M. A. Um modelo flexível para a biblioteca escolar. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, Brasília, v. 17, n. ½, p. 12-17, jan./ jul. 1984.

BERBERIAN, A. P.; CALHETA P, P.; **Fonoaudiologia e Educação: práticas voltadas à formação de professores**. Dreux, F. M.; Mendes, B. C.; Navas, A.L.P.G.P. (Orgs.) Tratado em Fonoaudiologia. São Paulo: Rocca, 2009: 682-691.

BRASIL. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. Lei 9.394 de 20/12/1996.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Biblioteca da escola: direito de ler**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional de Incentivo à Leitura. PROLER, 2002. 69 p.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura/INEP. O Censo Escolar Brasileiro: história e novas perspectivas. Brasília: **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira**: Brasília-DF, 2013.

BEIRITH, Ângela. **As escolas isoladas de Florianópolis no contexto da regulamentação do ensino primário (1946–1956)**. Florianópolis, v.10, nº02, p.156–168, jul/dez 2009.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Editora Scipione, 1995.

CAMPELLO, B. et.al. **A biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

CARVALHO, S, JONATHAS, L. **Uma análise sobre a identidade da Biblioteconomia: perspectivas históricas e objeto de estudo**. Olinda: Edições Baluarte, 2010.

CASTRO, César Augusto. **História da Biblioteconomia Brasileira: perspectiva histórica**. Brasília, DF: Thesaurus, 2000. 287p., 2011.

CAVALIERE, A. M. **Educação integral**: uma nova identidade para a escola brasileira. Educação e Sociedade, Campinas, 2002.

CUNHA, V. A.. A biblioteca pública no cenário da sociedade da informação. **Biblos**, v.4, n.15, abr-jun. 2003.

CHARTIER, R. As práticas da escrita. In: ARIÈS, P.; CHARTIER, Roger (Org.). **História da vida privada**: da renascença ao século das luzes, v. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1981. p. 113 – 161.

DARNTON, R. “A leitura rousseauista e um leitor ‘comum’ do século XVIII”. In: CHARTIER, Roger (Org.). Práticas de leitura. Tradução de Cristiane Nascimento. **Práticas de Leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

DELL’ISOLA, R. L. P. **Leitura: inferências e contexto sócio-cultural**. 1988. Dissertação. (Mestrado em Lingüística) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 1988.

EGGERT-STEINDEL, G; OLIVEIRA, S. F. J; SHIMIGELOW, K. Bibliotecas públicas municipais catarinenses. **Revista ACB**, Florianópolis, v.1, n.1, p. 34-48, 2002.

FAILLA, Z. (Org.). **Retratos da leitura no Brasil 3**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de SP: Instituto Pró-Livro, 2012.

FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa** (3. ed., J. E. Costa, Trad.). São Paulo: Artmed, 2009.

FONSECA, E. N. **Introdução à biblioteconomia**. São Paulo: Pioneira, 1992.

FRAGOSO, G. M. Biblioteca na escola. **Revista ACB**: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v. 7, n. 1, p. 124-131, 2002. Disponível em: <<http://revista.acbsc.org.br/index.php/racb/article/viewArticle/474/601>> Acesso em: 01 agosto. 2012.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, A. M. Educação para a paz segundo Paulo Freire. **Revista Educação**. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: PUC/RS, ano XXIX, n.2, p.387-393, Maio/Agosto, 2006.

FURTADO, J. A. “O Mito da Biblioteca Universal”, In: **Cadernos de Biblioteconomia, Arquivística e Documentação**, n.2, p. 37-55, 2007.

GARCEZ, E.F. **O bibliotecário nas escolas**: uma necessidade. Disponível em: <HTTP:// revista.acbsc.org.br>. Acesso em: 20 mar. 2014.

GEBARA, A. “Sociologia Configuracional: as emoções e o lazer”. In: Brunhs, H. T. **Lazer e Ciências Sociais: Diálogos Pertinentes**. São Paulo: Chronos, 2002.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

IGUMA, A. O. A; FERNANDES, C. R. D. Uma reflexão sobre as práticas de leitura no acervo do PNBE. In: **Colóquio internacional de estudos linguísticos e literários**. Anais. Maringá-PR, 9, 10 e 11 de junho de 2010.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da Leitura no Brasil**. Disponível em: <http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/dados/anexos/1815.pdf>. Acesso em 14 de fevereiro de 2011.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). (2003). **Mapa do Analfabetismo no Brasil. Brasília**. Disponível em: <www.oei.es/quipu/brasil/estadisticas/analfabetismo2003.pdf> Acesso em: 10 jul. 2012.

HÖFLING, E. M. Notas para discussão quanto à implantação de programas de governo: em foco o Programa Nacional do Livro Didático. **Educação Social, Campinas**, v. 21, n. 70, abr. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=Soioi-73302000000100009&script=sci_arttext>. Acesso em: 03 abr. 2014.

JACOB, C. Ler para escrever: navegações alexandrinas. In: BARATIN, Marc; JACOB, Christian (Dir.). **O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente**. Tradução Marcela Mortara. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000. p.45 -73.

KIESER, H; FACHIN, G.R. B. **Biblioteca Escolar**: espaço de interação entre bibliotecário-professor-aluno-informação – um relato, [S.l]: [S.n], [19--?]. Disponível em: <<http://dici.ibict.br/archive/00000743/01/T083.pdf>>. Acesso em: 02 out. 2014.

LAJOLO, M. **Literatura: leitores e leitura**. São Paulo: Contexto, 1997.

LEAHY, C. **A leitura e o leitor integral**: lendo na biblioteca da escola. Belo Horizonte: Autêntica. 2006.

LEITÃO, B. J. M. **Avaliação qualitativa e quantitativa numa biblioteca universitária**: grupo de foco. Niterói: Intertexto; Rio de Janeiro: Interciência, 2005.

LEITE, S. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. V. 7. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1942.

LEMO, A. A. B. Bibliotecas. In: CAMPOLLO, Bernadete Santos; CALDEIRA, Paulo da Terra; MACEDO, Vera A. A. (Orgs.). **Formas e expressões do conhecimento: introdução às fontes de informação**. Belo Horizonte: Escola de Biblioteconomia da UFMG, 1998. p. 345 – 366.

MACEDO, N. D; DIAS, M. M. K. Subsídios para a caracterização da biblioteca universitária. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 25, n.3/4, p. 40-47, jul./dez. 1992.

MACEDO, Neusa Dias de (Org.). **Biblioteca escolar brasileira em debate**: da memória profissional ao fórum virtual. São Paulo: Editora Senac São Paulo; São Paulo: Conselho Regional de Biblioteconomia- 8ª Região, 2005.

MACIEL, I. M. **Breve cronologia de políticas públicas de livro e leitura no Brasil**. Folha Proler, Rio de Janeiro, Casa da Leitura-Fundação Biblioteca Nacional, n. 34, 2010 (no prelo).

MAYRINK, P. T. Diretrizes para a formação de coleções de bibliotecas escolares. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 16., 1991, Salvador. **Anais**. Salvador: Associação Profissional dos Bibliotecários do Estado da Bahia, 1991. p. 304-314.

MANIFESTO ILFA/UNESCO PARA BIBLIOTECA ESCOLAR. Traduzido por Neusa Dias de Macedo. Disponível em: <<http://www.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf>>. Acesso em: 01 julho. 2012.

MARTINS, W. **A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca**. Editora Ática. São Paulo, 2002.

MILANESI, L. **O que é biblioteca**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MINAYO, M. C. S. **Introdução à metodologia das ciências sociais**. O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde. 12ª edição, São Paulo, Hucitec, 2010.

MORAES, R. B. **Livros e Bibliotecas no Brasil Colonial**. Brasília: Briquet de Lemos, 2006.

NEGRÃO, May Brooking. Da enciclopédia ao banco de dados; a biblioteca escolar e a educação para a informação. **Cadernos do CED**, Florianópolis, v. 4, n. 10, p. 87 – 112, jul./ dez. 1987.

NÓBREGA, N. G. **A caverna, o monstro, o medo**. Rio de Janeiro: Proler, 1995.

OLINTO, G; MEDEIROS, A. L. S. **Comunidades, redes sociais e bibliotecas públicas**, 2012

OLIVEIRA, A. L. Escola e Biblioteca. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 184 – 195, set. 1972.

PEREIRA, A. K. **Biblioteca na escola**. Brasília: Ministério da Educação – Secretaria da Educação Básica, 2006.

PLANO Nacional do Livro e da Leitura - PNLL. 2006.

QUEIROZ, R. A. **Recursos de biblioteca das escolas de 1º e 2º graus da rede estadual de ensino da região da grande vitória: diagnóstico da situação**. 1985. Dissertação. (Mestrado em Administração de Bibliotecas) – Escola de Biblioteconomia, UFMG, Belo Horizonte, 1985.

RÖSING, T. M. K. **A formação do professor e a questão da leitura**. Série Didática. Passo Fundo, 1996.

SANT'ANNA, A. R. **Bibliotecas: desnível social e o desafio do século XXI**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1996.

SANTOS, M. S. Multimeios na biblioteca escolar. In: GARCIA, Edson Gabriel (Coord.). **Biblioteca Escolar: estrutura e funcionamento**. São Paulo: Loyola, 1989. p.97-108.

SCHWARCZ, L M.; AZEVEDO, Â. M. **A longa viagem da biblioteca dos reis**. São Paulo: companhia das letras, 2002.

SILVA, E. T. Conhecimento e cidadania: quando a leitura se impõe como mais necessária ainda! In: _____. **Conferências sobre leitura: trilogia pedagógica**. Campinas: Autores Associados, 2003.

SILVA, E. T. **A produção da leitura na escola: Pesquisas x Propostas**. 2.ed. São Paulo: Editora Ática, 2002.

SILVA, W. C. **Miséria da biblioteca escolar**. São Paulo: Cortez, 1995.

SILVA, R. J. **Biblioteca escolar: organização e funcionamento**. In: SOUZA, Renata Junqueira (org.). **Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação**. Campinas: Mercado das Letras, 2009. (p.115-145)

SIMÃO, M. A. R; SCHERCHER, E. K; NEVES, I. C. B. **Ativando a biblioteca escolar: recursos visuais para implementar a interação biblioteca-usuário**. Porto Alegre: Sagra-Dc Luzzatto, 1993. 67 p.

SOUSA, M. E. **O professor e sua concepção de aluno-leitor do texto literário**. Trabalho apresentado no III Colóquio da ALED. Recife, UFPE, outubro de 2010.

TARGINO, M. G. **A biblioteca na concepção de escolares: influência de variáveis do ambiente escolar**. 1983. Dissertação. (Mestrado em Biblioteconomia) –Centro de Ciências Sociais Aplicadas, UFPb, João Pessoa, 1983.

TEIXEIRA, A. **Educação não é privilégio**. Companhia editora nacional, São Paulo, 1971.

VÁLIO, E. B. M. Biblioteca escolar: uma visão histórica. **Transinformação**, Campinas, v. 2, n. 1, p. 15 – 24, jan./ abr. 1990.

VARGAS, Suzana. **Leitura: uma aprendizagem de prazer**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

VERGUEIRO, W.C.S. O futuro das bibliotecas e o desenvolvimento de coleções: perspectivas de atuação para uma realidade em efervescência. **Perspectiva da Ciência da Informação**. Belo Horizonte, v.2, n.1, p.93-107, jul./dez. 1997.

ZILBERMAN, R. **Fim do livro, fim dos leitores?**; Coord. Benjamin Abdala Junior, Isabel Maria M. Alexandre.- São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2001.

APÊNDICE

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA - ALUNO

1- Identificação:

Série:

Idade:

2- Você gosta de ler? Por quê?

3- O que você mais gosta de ler? Por quê?

Revistas Jornais Livros Paradidáticos

Gibis Nenhuma das anteriores Outro _____

4- Cite algumas coisas (livros, revistas, etc.) que você tem lido ultimamente:

5- Você tem aulas de leitura? Como são?

6- O que você lê nessas aulas?

7- Você vai à biblioteca (da escola)?

8- Que tipos de livros você lê quando vai à biblioteca?

9- Onde você mais lê: em casa ou na biblioteca da escola?

10- A biblioteca da escola desenvolve projetos de incentivos à leitura ?

Sim Não

11- Quantos livros da biblioteca você já leu ?

nenhum um dois três quatro ou mais

12- Você considera importante a existência de uma biblioteca na escola?

Sim Não

13 - Quantos livros você lê em um ano?

nenhum um dois três quatro ou mais

APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA - PROFESSORES

IDENTIFICAÇÃO

1. Idade: _____

2. Colégio: _____

3. Série em que leciona: _____

4. Seus alunos costumam ler? O que eles leem?

() Revistas () Jornais () Livros Paradidáticos
() Gibis () Nenhuma das anteriores () Outro _____

5. Você indica livros de literatura para seus alunos? Que tipo?

6. Que critérios você usa para escolher esses livros?

7. Para você, que características deve apresentar um bom leitor?

8. Na sua opinião, seus alunos gostam de ler obras literárias? Que tipo?

9. Com que frequência seus alunos leem? Por que eles leem?

10. Que atividades você tem feito para incentivar o hábito da leitura em seus alunos?

11. Você desenvolve atividades na biblioteca? () Sim () Não Se sim, cite 3 atividades e seus objetivos:

12. Você utiliza, pessoalmente, a biblioteca da sua escola? () Sim () Não Se sim, de quais livros você faz uso?

13. Quantos livros você acha que seus alunos leem por ano?

() nenhum () um () dois () três () quatro ou
mais _____

ANEXO

ANEXO A - AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA NO COLÉGIO MODELO



**PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO SOCIAL, EDUCAÇÃO E
DESENVOLVIMENTO REGIONAL**

Reconhecido pela Portaria MEC/CNE nº 1.324 de 08/11/2012 publicada no D.O.U. de 09/11/2012

SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA

São Mateus, 13 de setembro de 2014.

Prezados(as) Senhores(as)

Eu, **Emanuel Vieira Pinto**, mestrando responsável principal pelo projeto de Dissertação de Mestrado intitulado A BIBLIOTECA ESCOLAR NA FORMAÇÃO DO LEITOR: um estudo das bibliotecas escolares públicas do município de Itamaraju/Bahia que pertence ao curso de **Mestrado Profissional em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional** da **Faculdade Vale do Cricaré** venho pelo presente, solicitar, ao Diretor desta Unidade Escolar a autorização para realizar a pesquisa de campo, com o objetivo de desenvolver trabalho de Mestrado. A pesquisa será orientada pelo(a) Professor(a) **Luciana Teles Moura**.

Contando com a autorização desta instituição, coloco-me à disposição para qualquer esclarecimento.

Atenciosamente,


Assinatura do Pesquisador
RG: 082.704.06 – 60 SSP/BA


Coordenadora Adjunta Msc. Luana Frigulha Guisso
Prof.^a Msc. Luana Frigulha Guisso
Coordenadora Adjunta do Mestrado
Portaria DG 003/2012
Faculdade Vale do Cricaré

ANEXO B - AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA NO COLÉGIO POLIVALENTE



**PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO SOCIAL, EDUCAÇÃO E
DESENVOLVIMENTO REGIONAL**

Reconhecido pela Portaria MEC/CNE nº 1.324 de 08/11/2012 publicada no D.O.U. de 09/11/2012

SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA

São Mateus, 13 de setembro de 2014.

Prezados(as) Senhores(as)

Eu, **Emanuel Vieira Pinto**, mestrando responsável principal pelo projeto de Dissertação de Mestrado intulado A BIBLIOTECA ESCOLAR NA FORMAÇÃO DO LEITOR: um estudo das bibliotecas escolares públicas do município de Itamaraju/Bahia que pertence ao curso de **Mestrado Profissional em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional** da **Faculdade Vale do Cricaré** venho pelo presente, solicitar, ao Diretor desta Unidade Escolar a autorização para realizar a pesquisa de campo, com o objetivo de desenvolver trabalho de Mestrado. A pesquisa será orientada pelo(a) Professor(a) **Luciana Teles Moura**.

Contando com a autorização desta instituição, coloco-me à disposição para qualquer esclarecimento.

Atenciosamente,


Assinatura do Pesquisador
RG: 082.704.06 – 60 SSP/BA

Coordenadora Adjunta Msc. Luana Frigulha Guisso


Prof.ª Msc. Luana Frigulha Guisso
Coordenadora Adjunta do Mestrado
Portaria DG 003/2012
Faculdade Vale do Cricaré